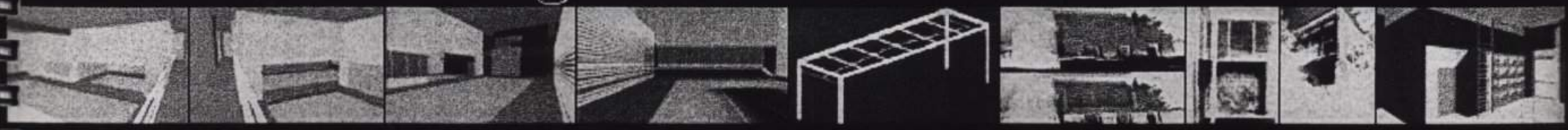
relatório de estágio

Elaborado por: Inês Marques. Atelier Cidades(In)visíveis.



arquitectura

Faculdade de Arquitectura Universidade Técnica de Lisboa. Setembro de 1999

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO
TE(ARQ)
90

FACULDADE DE ARQUITECTURA
Universidade Técnica de Lisboa
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO/BIBLIOTECA
Rua Prof. Cid dos Santos – Polo Universitário do Alto da Ajuda - 1349-055 Lisboa
Tel.(01)362 51 28 / 33 Fax.(01)362 51 38

RE(ARG)-90

FACULDADE DE ARQUITECTURA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO
N.º 4898 DATA: 3/5/2000

Índice

Identificação....4

Introdução....5

Desenho - importante meio de comunicação....10

Complexo de Piscinas

- Localização....14
- Legislação especifica....17
- Inserção urbana....19
- Organização funcional....23
- Aspectos construtivos....34
- Trabalho desenvolvido....37

Quinta do Roseiral - Alvaiázere

- Contexto urbano....42
- Trabalho desenvolvido....47
- Relação arquitecto/cliente....58
- Visitas à obra....60

Conclusão....62

Anexos....66

FACULDADE DE ARQUITECTURA
BIBILIOTECA
0990012057

Identificação

Estagiária: Inês Marques
Entidade Receptora: Atelier Cidades (In)visíveis
Orientador: Arq^{to}. Pedro Partidário
Supervisor: Arq^{to}. Fernando Bagulho

Introdução

O presente relatório tem como objectivo o relato da minha experiência enquanto estudante estagiária da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, experiência esta que me proporcionou o primeiro contacto com a profissão e com o ambiente de trabalho vivido num atelier de arquitectura.

O estágio, com a duração de seis meses, teve inicio no dia 1 de Fevereiro de 1999 no Atelier Cidades (In)visíveis, localizado em Lisboa, e foi concluído no dia 31 de Julho do mesmo ano. A entidade receptora -Atelier Cidades (In)visíveis- é uma micro-empresa, formada em 1998, que dirige um conjunto de projectos ligados à arquitectura, sendo liderada por dois arquitectos responsáveis, ambos mantendo uma situação de dupla ocupação, isto é, dividindo a sua actividade entre o ensino e o atelier.

O Arq^{to}. Pedro Partidário, de 33 anos, é docente da disciplina de Desenho na Universidade Lusíada e a Arq^{ta}. Susana Fialho, de 29 anos, lecciona no ensino básico, sendo também formadora de cursos de AutoCAD. Os dois sócios gerentes são autores e coordenadores dos projectos e a restante constituição da equipa varia em função dos diversos trabalhos em curso. A equipa de trabalho sofreu algumas alterações durante a minha estada no atelier, no entanto, quando terminei o estágio, além dos dois arquitectos a equipa era composta por uma arquitecta recém-licenciada, três estudantes de arquitectura e um estudante estagiário de nacionalidade alemã. Com alguma regularidade, estudantes de arquitectura,

quer portugueses, quer estrangeiros, realizam ali o seu período de estágio. Dependendo da quantidade e urgência dos trabalhos, também colaboram temporariamente arquitectos ou, e principalmente, estudantes de arquitectura.

O facto de o arquitecto orientador do meu estágio ser docente do curso de Arquitectura foi de alguma forma vantajoso pois, talvez por essa razão, este mostrava dar grande relevância à discussão critico-teórica sobre arquitectura. Considero o distanciamento entre o ensino e a profissão (que está agora a tentar ser minimizado pela Faculdade de Arquitectura através da insersão do estágio no Plano de Estudos) prejudicial quer para os estudantes, quer para os arquitectos e julgo que seria importante que se proporcionasse um contacto mais fácil entre ambos pois é bastante enriquecedor o diálogo sobre questões de interesse comum.

No entanto, a situação de dupla ocupação exercida pelo orientador, acrescida de outras actividades externas relacionadas com o atelier (tais como reuniões com clientes ou com profissionais das especialidades, visitas a obras, etc.) leva a uma drástica redução do tempo disponível para o trabalho interno do atelier. Afigurou-se-me que para que se verifique continuidade e regularidade do trabalho é necessário, se não mesmo indespensável, que exista um conjunto de pessoas que garantam o constante funcionamento do atelier.

Existiu desde o início a preocupação de me ser transmitida alguma informação complementar relativa ao percurso e linguagem do atelier, bem como à sua metodologia de trabalho. O entendimento e integração na linguagem arquitectónica não foram complicados, uma vez que se

aproximava da abordagem que, durante o percurso escolar, fui levada a encarar como aquela que, com maior objectividade, consegue responder aos problemas intrínsecos de um projecto de arquitectura. Em relação à metodologia de trabalho sinto, todavia, ser demasiado prematuro fazer qualquer tipo de crítica, uma vez que esta foi a minha primeira experiência de trabalho em equipa. Penso, no entanto, que o mais importante para o bom funcionamento de um atelier é a afinidade metodológica dos elementos que o integram.

A boa integração na equipa de trabalho foi um aspecto fundamental para que sentisse o estágio de forma positiva durante os seis meses de permanência no atelier, uma vez que, em arquitectura, o trabalho em parceria com outros profissionais da mesma área ou de áreas complementares é fundamental. Não há dúvida de que o trabalho do arquitecto é um acto compartilhado. Esta integração foi ainda mais facilitada pelo excelente relacionamento já existente entre os elementos da equipa e relevo o papel da Arq[ta]. Fátima Roberto que, por não ter uma actividade "extra-atelier", me dispensou uma significativa parte do seu tempo, de forma a colocar-me a par do percurso do atelier, bem como dos trabalhos que aí se desenvolviam.

Penso que a boa relação existente entre os membros da equipa se deve, por um lado, à homogenização de idades e, por outro lado lado, ao facto de não se verificar uma grande diferenciação hierárquica dentro do atelier, tendo todos um tratamento bastante equivalente. Desta forma, durante todo o processo de elaboração de um projecto, independentemente do grau de conhecimento ou responsabilidade em relação ao mesmo, a opinião de cada um dos elementos não só é

encarada como válida, como é encorajada e tida como de grande importância para o processo de concepção da ideia de projecto. Não me restam grandes dúvidas em relação ao facto do relacionamento entre todos os membros da equipa de um pequeno atelier ser muito mais intensa do que num grande atelier de projecção internacional. Estes últimos têm ainda o inconveniente de, cada vez mais, e com a crescente procura por parte dos estudantes estagiários, fixarem cada pessoa numa determinada função, sem que esta tenha a possibilidade de se dar conta da infinidade de facetas que compõem à actividade de um profissional de arquitectura. Pelo contrário, nos pequenos ateliers, cada pessoa é um elemento importante da equipa e, por esse motivo, tem também de saber gerir o seu trabalho mediante as necessidade do atelier uma vez que, em geral, este consolida a sua aptidão para uma produção diversificada e mais generalista.

Neste sentido, e tendo em conta que o meu estágio visava colocar-me perante o quotidiano do exercício da profissão, os projectos em que colaborei durante este período abordaram diferentes temas e corresponderam a fases distintas de projecto, permitindo-me ter assim uma ideia mais alargada sobre as diversas fases que compõem um processo de projecto, desde a sua concepção à execução.

Sempre sob a orientação dos arquitectos responsáveis, a minha participação e responsabilidade em cada projecto variou da intervenção pontual à investigação mais aprofundada para o desenvolvimento do mesmo. Desde o inicio foi-me dada a possibilidade de trabalhar directamente com clientes, bem como ter pela primeira vez consciência das

condicionantes das Câmaras, assim como do enquadramento legal que envolve um projecto.

Nos pontos subsequentes farei a apresentação explicativa dos projectos que maior ênfase tiveram durante a minha permanência no atelier. Para melhor compreensão da mesma, a apresentação será acompanhada de algumas imagens produzidas pela equipa de projecto durante a realização dos trabalhos procurando, no entanto, destacar aquelas que foram produzidas por mim enquanto membro integrante da equipa.

Apresentarei então o projecto de um Complexo de Piscinas e *Health Club*, em que participei nas fases de Projecto Base e, posteriormente no Projecto de Execução, tendo, nesta fase, feito um estudo de investigação e desenho de pormenorização especial da nave das piscinas e o projecto de recuperação de uma Quinta em Alvaiázere. Neste projecto a minha colaboração baseou-se em intervenções pontuais que abrangem desde o levantamento arquitectónico a diversas visitas à obra.

Uma vez que o trabalho do atelier se apoia, em grande escala, na utilização do computador e o programa mais utilizado no atelier é o ArchiCad, programa até então totalmente desconhecido para mim, a primeira semana do estágio foi dedicada à aprendizagem do mesmo. A primeira parte do relatório é, então, uma pequena dissertação sobre a utilização do desenho computorizado na actividade profissional.

Desenho - importante meio de comunicação

O desenho continua a ser uma das mais importantes formas de comunicação para o arquitecto. No entanto esta comunicação gráfica já não se limita ao desenho "à mão levantada", uma vez que este tem vindo a evoluir paralelamente ao desenvolvimento informático - particularmente os programas relacionados com desenho- ocorrido nos últimos anos.

Não descurando a importância do desenho livre na fase de concepção de cada projecto, no atelier onde trabalhei, o computador (quer Macintosh, quer PC) faz parte integrante das ferramentas de trabalho assumindo, neste momento, um papel fulcral no desenvolvimento dos trabalhos, bem como na organização do próprio atelier.

Tendo em conta a necessidade de diálogo e as dificuldades que com alguma frequência surgem, quer por parte do cliente, quer por parte do construtor ou mestres de obra, em entender o desenho de arquitectura, o atelier utiliza, preferencialmente, o programa de CAD - ArchiCAD, uma vez que este permite, com alguma facilidade, fazer simulações da realidade e visualizações em três dimensões que facilitam a leitura do projecto. O diálogo com o cliente exige do arquitecto uma grande capacidade de comunicação, de exposição da proposta, de forma a poder orientar o cliente na sua escolha.

Além de facilitar o diálogo com o cliente, este programa parece-me ter também grande utilidade para o arquitecto, uma vez que com ele o desenho faz-se através de componentes

arquitectónicos (tais como paredes, lajes, portas, janelas, etc) aproximando-se, assim, da forma de pensar do próprio arquitecto que, neste processo de representação vai clarificando as suas ideias. Este tipo de representação assemelha-se, então, à construção de uma maqueta e, pela sua grande aproximação à realidade, vem mesmo minimizar a distância entre o acto de concepção e o acto de construção.

No entanto, e apesar de ser, tal como o desenho "à mão levantada", apenas uma tentativa de explicação da realidade, mais dificilmente se controla a estrutura do desenho, isto é, embora haja a possibilidade de manipular a perspectiva de forma a deixar mais evidente a ideia que se quer transmitir, deixam de estar presente os critérios de interpretação próprios do desenhador.

Como já atrás foi referido, o desenho não é só um suporte de comunicação, como é também um elemento central no processo de desenvolvimento de uma ideia. Por isso o grau de indefinição do desenho é muitas vezes benéfica , quer na apresentação ao cliente, quer ao arquitecto, uma vez que este último tem ainda a possibilidade de manipular o desenho enfantizando alguns aspectos mais consolidados e menosprezando outros. É vantajoso, então, que desenho se torne no resultado de uma série de escolhas determinadas, quer pelo tipo de informação que se quer dar, quer pelo grau de comunicação que se quer estabelecer.

Muitas vezes, mesmo no acto criativo de projectar, é importante o nivel de indeterminação dada ao desenho. O aspecto definitivo e acabado do desenho tridimensional do ArchiCAD chega a ser demasiado condicionante e a abolir um

nivel de abstracção muitas vezes enriquecedor para o próprio projectista. No acto criativo é frequentemente utilizado o método de experimentações sucessivas elaboradas através do desenho e este, ao revelar fragilidades ou potenciais erros, vai encaminhando o criador ou projectista no sentido de obtenção de resultados mais correctos.

Penso, contudo, que o atelier gere com bastante perspicácia a utilização do desenho. Com isto quero dizer que, se por um lado é um facto que a utilização do programa anteriormente referido -ArchiCAD- e, particularmente, as suas potêncialidades na representação em três dimensões, está já bastante consolidada no atelier, é importante referir que se continua a usar em simultaneo todos os outros processos de representação, suportes inerentes à prática de concepção arquitectónica, nomeadamente maquetas, desenhos "à mão levantada" ou outros que em cada caso se revelem úteis.

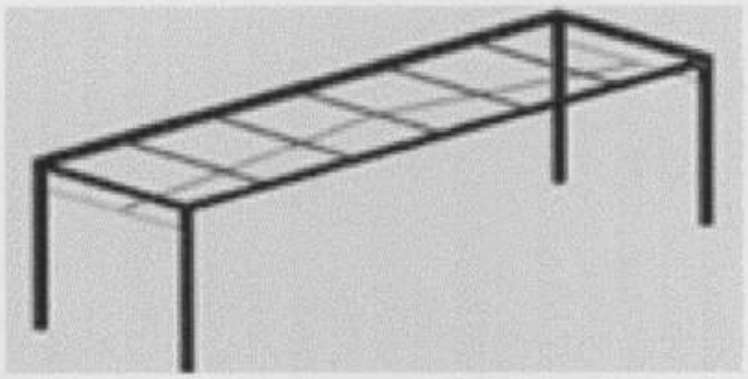


Fig.1- simulação de uma mesa em três dimensões

Apesar de a minha principal contribuição neste atelier estar associada a um projecto que, por ser desenvolvido em colaboração com outro atelier, estava a ser executado noutro programa de CAD -Autocad (do qual já possuia alguns conhecimentos que me foram bastante úteis), a primeira semana do meu estágio foi essencialmente dedicada à aprendizagem do programa ArchiCAD, começando por desenhar uma peça de mobiliário em três dimensões.

De facto, em arquitectura como em quase todos os outros campos de actividade humana, cada vez mais os procedimentos informáticos se encontram presentes, tendo a sua utilização sido já generalizada à maioria dos ateliers. No entanto, é prestada pouca importancia à sua aprendizagem no

curso de Arquitectura da Faculdade, sendo esta disciplina encarada como secundária no programa curricular.

Complexo de piscinas - localização

O projecto que mais interessante se me afigurou desenvolver ao longo dos seis meses de estágio define-se por um Complexo Desportivo e Recreativo de Piscinas na Urbanização de Fitares , na Rinchoa.

Este projecto foi muito importante para a minha formação, não só pelas suas caracteristicas funcionais -que levou a uma investigação mais profunda sobre aspectos especificos como legislação, funcionalidade de um edifício deste tipo, etc-, como pela sua localização -situado num subúrbio descaracterizado e desenraizado-, como ainda pelo facto de este trabalho estar a ser elaborado em colaboração com outro atelier de arquitectura e pelo contacto com as diversas especialidades ligadas a um edificio desta natureza.

O local de implantação deste edificio é muito importante do ponto de vista social. É essencial conhecer o tipo de população que este edificio irá receber para ter uma ideia da utilização que lhe irá ser dada, bem como as expectativas daquela população em relação a este espaço.

Como já foi referido, este edificio encontra-se situado na Rinchoa, mais especificamente na Urbanização de Fitares que, apesar de respeitar um projecto de planeamento aprovado pela Câmara, continua a ser, na minha opinião, uma zona que está a sofrer um crescimento urbano desordenado e com uma forte dependência de Lisboa.

Se, por um lado, é de louvar que estejam a ser feitos investimentos em equipamentos para esta nova área residencial, por outro lado parece-me que este investimento está a ser feito sem grandes preocupações com o melhoramento da qualidade de vida da população residente, mas de forma a favorecer a especulação que aí se faz sentir cada vez mais.

É legítimo perguntarmo-nos até que ponto é socialmente correcto construir, como um dos primeiros equipamentos, um centro comercial, quando é sabido que a maioria da população aí residente é composta por grupos sociais (essencialmente novos casais) com capacidade económica débil e que, por não terem possibilidade de viver no centro da cidade, foram "expulsos" para as periferias.

Cada vez existe uma maior procura de espaços desportivos, até mesmo para actividades lúdicas ou terapêuticas o que leva, inevitavelmente, diversas instituições -tanto entidades públicas como particulares- a investir nesta área da construção. No entanto considero que, neste caso, e devido à sua localização, o programa do edifício (que contém piscinas, ginásios e *health center*, com sauna, banhos turcos, etc.) é demasiado pretencioso para a realidade social e/ou económica dos moradores.

É do conhecimento geral que o reflexo (direi mesmo desvantagem) mais imediato da dependência das periferias à cidade é a existência dos intensos movimentos pendulares entre estas e Lisboa. Todos os dias a população residente nos subúrbios é protagonista de um vaivém entre o seu local de residência e o local de trabalho (na cidade de Lisboa), com

todas as consequências que dai advêm ao nível dos custos dos transportes, do tempo perdido nas deslocações, da afluência de tráfego à capital, do congestionamento dos transportes públicos, do desgaste físico e psicológico das populações.

Em simultaneo com o aparecimento de novas infraestruturas nos subúrbios afigura-se-me indispensável que exista a preocupação de, nestas áreas, se promover a qualidade e vida sendo que, para tal, se revelam necessárias estruturas associadas a serviços culturais e ocupação dos tempos livres. É importante ter consciência que o quotidiano suburbano, só por si, é um factor de exclusão social no que diz respeito ao tempo, concretamente à falta de tempo que cada indivíduo dispõe e é fundamental para si próprio, para o relacionamento com a família e para a participação na vida social.

É possível que dentro de alguns anos, com a revolução da comunicação, o trabalho, tal como o acto de fazer compras ou até mesmo algumas actividades culturais que até aqui exigiam uma deslocação física, deixarão de estar associados a um local geográfico específico. Pode até defender-se que, com esta revolução das comunicações, que veio desenvolver a capacidade de transmissão de informação (através do computador via internet, através de melhores e mais avançadas redes de telefone, faxes, etc.), dentro de algum tempo deixará de haver necessidade de se investir tanto em redes viárias e passar-se a investir mais em boas infraestruturas de comunicações, no entanto, é preciso ter consciência que ainda estamos no início dessa revolução e que, entretanto, é importante tentar promover a qualidade de vida tal como hoje a conhecemos.

Complexo de piscinas - legislação específica

Na concepção deste projecto foi dada especial atenção às orientações expressas na Directiva CNQ 23/93, único instrumento regulador específico deste tipo de edifícios. A Directiva foi elaborada pelo Conselho Nacional da Qualidade com o objectivo de que o aumento deste tipo de infraestruturas -piscinas de uso público- fosse não só quantitativo mas também qualitativo. A Directiva adverte para factos relacionados com as disposições de segurança, bem como higio-sanitárias, técnicas e funcionais dos estabelecimentos de piscinas ou dedicados a actividades recreativas aquáticas de uso público.

Segundo o decreto-lei nº317/97 de 25 de Novembro, o Complexo de Piscinas, pelas suas dimensões e características funcionais, deveria ser apreciado pelo Instituto Nacional de Desportos, que elabora o seu parecer sobre este tipo de edifícios de acordo com o estipulado na Directiva atrás referida.

Durante a fase de licenciamento do projecto sentiu-se a necessidade de confrontar alguns aspectos técnicos com a entidade competente. Assim, juntamente com um dos arquitectos responsáveis por este projecto (uma vez que está a ser feito em colaboração com outro atelier) e o engenheiro (que ao longo do processo tem defendido perante nós os interesses do promotor servindo de intermediário entre este e os arquitectos), participei numa reunião no Instituto Nacional de Desportos onde, para além de se ter efectuado uma breve apresentação e apreciação do projecto, nos foi facultada

alguma informação complementar sobre os restantes equipamentos do complexo (saunas, ginásios e vestiários/balneários destinados a deficientes motores). Tal informação, cedida pelo IND refere-se, essencialmente, aos critérios de dimensionamento dos diversos espaços, aos requisitos térmicos dos mesmos, à sua funcionalidade e, no caso das saunas, ao tratamento da água.

Ao contactar a Federação Portuguesa de Natação aperebemo-nos que não existem quaisquer normas de segurança contra riscos de incêndio específicos para complexos desportivos, tendo sido aconselhada a consulta das normas destinadas a empreendimentos turísticos e, dada a existência de um bar no interior do edifício, as normas relativas a estabelecimentos de restauração e bebidas.

Cientes da indiscutível contribuição do desporto para o desenvolvimento das condições de saúde e bem-estar dos indivíduos, quer a nível físico quer psicológico, e tendo consciência que os desportos ligados a práticas aquáticas são preferencialmente eleitos por pessoas com incapacidades físicas e motoras, tentou-se seguir, com o máximo rigor, as recomendações técnicas para a melhoria da acessibilidade de deficientes -Diário da República, I Série -A, nº118 de 25 de Maio de 1997.

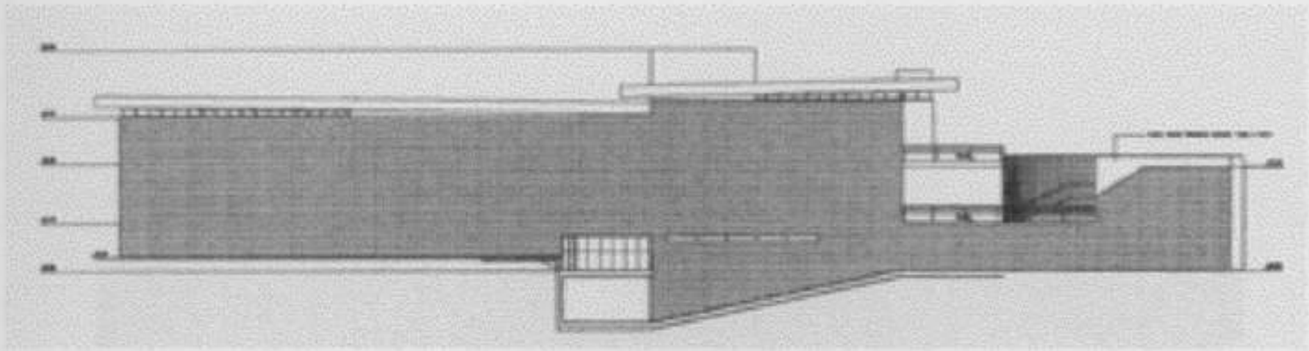


Fig.2-Complexo de Piscinas (alçado nascente)

Complexo de piscinas - inserção urbana

O edifício será implantado num dos limites da Urbanização de Fitares, num terreno que, pela sua pendente, forma um anfiteatro sobre uma reserva natural.

A montante, adjacente a este, encontra-se o Complexo de Ténis, já construído que, em conjunto com o Complexo de Piscinas, irá criar uma área vocacionada para a prática do desporto e lazer.

Dadas as favoráveis condições naturais do terreno e o facto de o edifício ser um edifício de equipamento, este adopta uma linguagem própria, tentando estabelecer um diálogo entre a zona urbana (bairro habitacional) e o espaço natural.

A composição do edifício é formada por massas (volumes) de certa simplicidade formal e construtiva -com acabamento em "tijolo face-à-vista"- mas é a cobertura que, com o seu desenho, assume o papel primordial na sua expressão visual. Este elemento é composto por dois planos inclinados, confluentes entre si, de forma a garantir eficácia no que respeita à drenagem de águas pluviais.

O edifício é composto por três pisos, tendo qualquer um deles acesso directo ao exterior, situação que se deve à relação topográfica do terreno. A entrada principal far-se-á pelo piso mais elevado, cuja cota de soleira é igual à cota da zona mais alta do terreno. Desde este piso existem acessos, quer por escadas, quer por ascensores, aos pisos inferiores. A nave

das piscinas, por ser a zona com maior exigência espacial, terá um pé-direito equivalente aos três pisos.

Os vãos foram pensados de forma a garantir uma iluminação natural confortável e suficiente ventilação. No entanto, é também necessário que garantam uma boa resposta em aspectos relacionados com a segurança (nomeadamente prevenção contra riscos de intrusão), com saídas de emergência e, nas zonas contíguas ao cais das piscinas com a clara distinção entre entradas e saídas de "pés descalços" e "pés calçados".

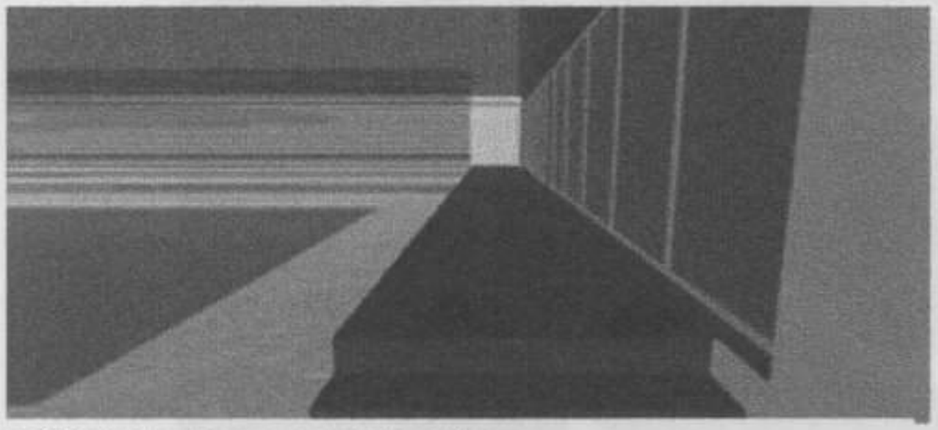


Fig.3- Nave das piscinas - tanque desportivo

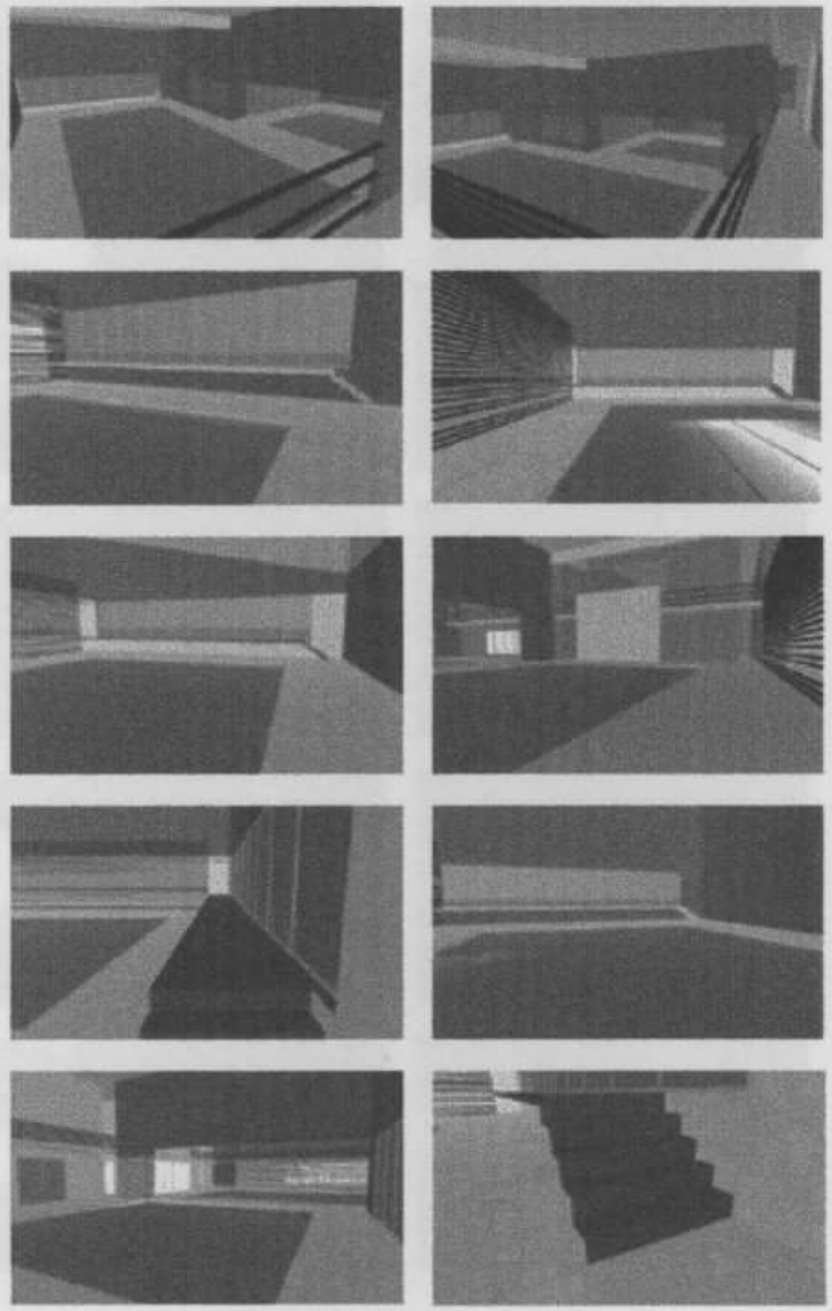


Fig.4- Perspectivas interiores da nave das piscinas

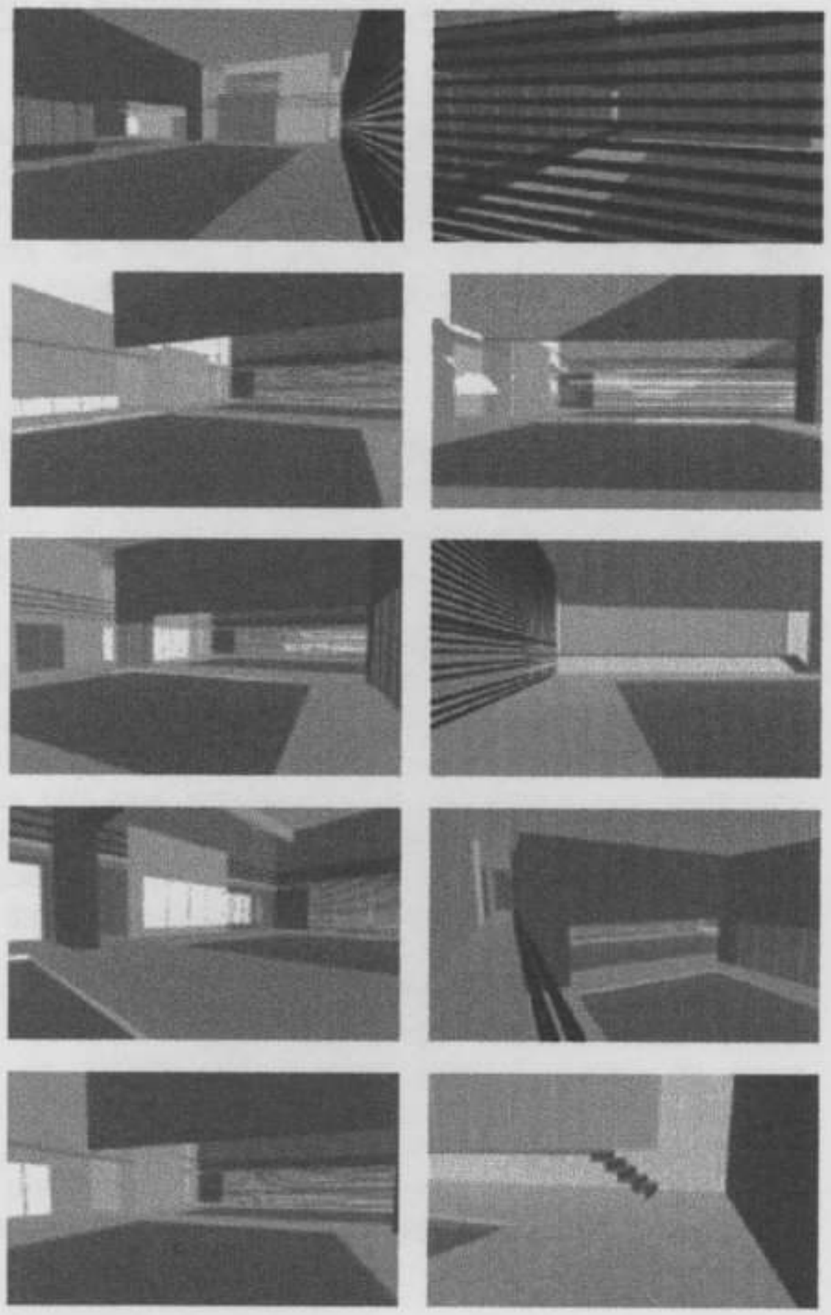


Fig.4- Perspectivas interiores da nave das piscinas

Complexo de piscinas - organização funcional

O complexo compreende, no seu interior, além das piscinas de uso público -principal função-, ginásios e "Health Center" que, ao virem complementar a função primordial do edifício, foram projectadas de forma a não trazerem prejuízo quer aos aspectos técnicos, quer aos aspectos funcionais particulares de cada uma das valências.

A implementação de espaços com diferentes características num edifício de piscinas é especialmente crítico no que diz respeito a circulações, verificando-se a necessidade de implantação de sistemas de circulação especiais, tal como atrás foi referido.

É sabido que um complexo de piscinas exige que haja uma delimitação entre os percursos de "pés calçados" e "pés descalços", de forma a que ninguém possa passar para o cais das piscinas sem passar por um lava-pés que deve ter umas dimensões tais que impossibilite a passagem por percursos alternativos. Assim, em todos os acessos ao cais, quer do interior, quer do exterior do edifício, foram colocados lava-pés de forma a garantir a completa separação dos percursos.

O complexo comporta um tanque desportivo com 312,5 m^2 de plano de água e um tanque de aprendizagem com um plano de água de 132,25 m^2. A área total do plano de água (444,75m^2) é importante pois é através dela que se vai calcular a "lotação máxima instantânea" ou seja o número máximo de utentes previstos num determinado momento e este, determina o dimensionamento dos serviços anexos, tais como

vestiários, número de chuveiros, lavatórios, instalações sanitárias e, até mesmo, quantidade de metros lineares de bancadas ou número de cacifos necessários. Neste caso, o tanque desportivo e o tanque de aprendizagem têm uma "lotação máxima instantânea" de 156 e 66 banhistas, respectivamente, somando no total 222 utentes.

Com acesso directo a partir do cais, único espaço em que o acesso não tem de ser feito através de lava-pés, situa-se a zona de primeiros socorros, com acessibilidade directa para o exterior. Contiguo ao gabinete médico localiza-se a sala do vigilante que, estando em permanente contacto visual com o núcleo de piscinas, permite socorrer com maior facilidade qualquer banhista em situação de perigo. Mais próximo do tanque de aprendizagem, de forma a haver um controle visual do mesmo, encontra-se a sala dos monitores que inclui I.S. próprias.

Ainda ao nível do cais e com acesso a partir do hall de distribuição principal, localiza-se a zona de *Health Center* -com sauna, jacuzzi, banhos turcos e áreas de descanso- que está subdividida em "zona seca" e "zona húmida". Anexo a este encontra-se uma sala própria para massagens.

Por estarem situados no mesmo piso, o espaço de balneário/vestiário, será usado quer pelos banhistas, quer pelos utentes do *Health Center*. No entanto, não só foram previstos balneários separados para indivíduos adultos do sexo masculino e feminino, como existirá um balneário especifico para as crianças utilizadoras do tanque de aprendizagem, de forma a facilitar o acompanhamento pelos

pais e até mesmo a própria utilização pelas crianças, uma vez que este equipamento será pensado em função delas.

Existe ainda, neste piso, um outro posto médico, este de apoio aos ginásios e *Health Center*.

A entrada principal situa-se ao nivel do Complexo de Ténis e, na zona junto à entrada, localiza-se a recepção/secretaria do complexo. O público não praticante terá acesso a um pequeno bar que, por possuir um grande vão, permite o contacto visual com as piscinas. As bancadas podem ser acedidas através de uma galeria que se encontra a um nivel ligeiramente inferior ao do piso da entrada, transversal ao edificio. Esta galeria pode também ser considerada como uma saida de emergência já que dá acesso directo ao exterior sem qualquer tipo de obstáculos.

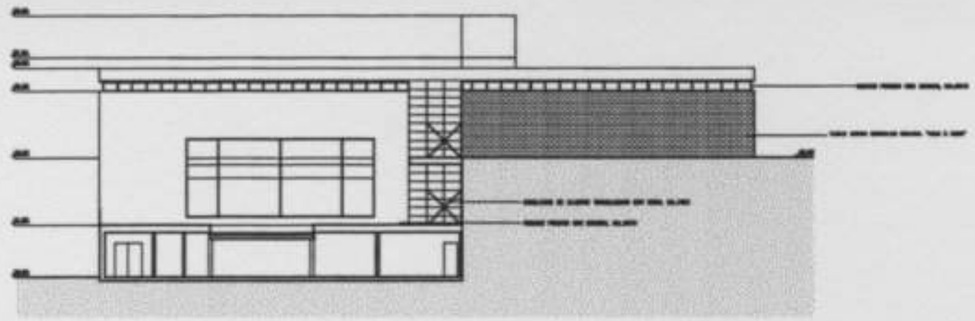
As instalações sanitárias públicas estão separadas das utilizadas pelos praticantes das diversas modalidades desportivas e encontram-se junto ao bar e debaixo das bancadas.

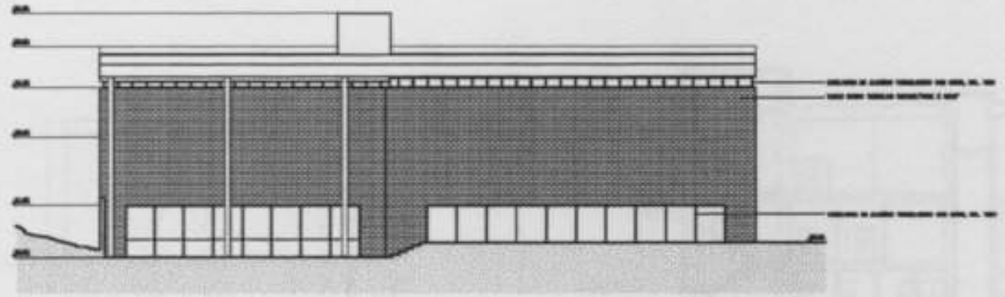
O complexo possui um sistema de circulações verticais -uma escada e dois elevadores (especialmente destinados à circulação de deficientes)- próprio para os utentes do mesmo. Este circuito pretende, portanto, ser reservado aos praticantes que, através dele, chegam ao corredor central, o qual garante a distribuição horizontal dos três pisos existentes.

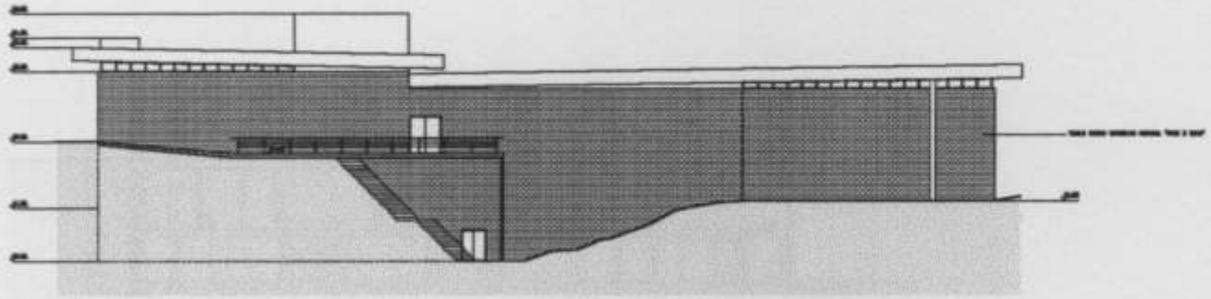
O complexo compreende ainda, ao nível da entrada principal e no piso intermédio, quatro ginásios e respectivos vestiários/balneários. De acordo com as suas dimensões

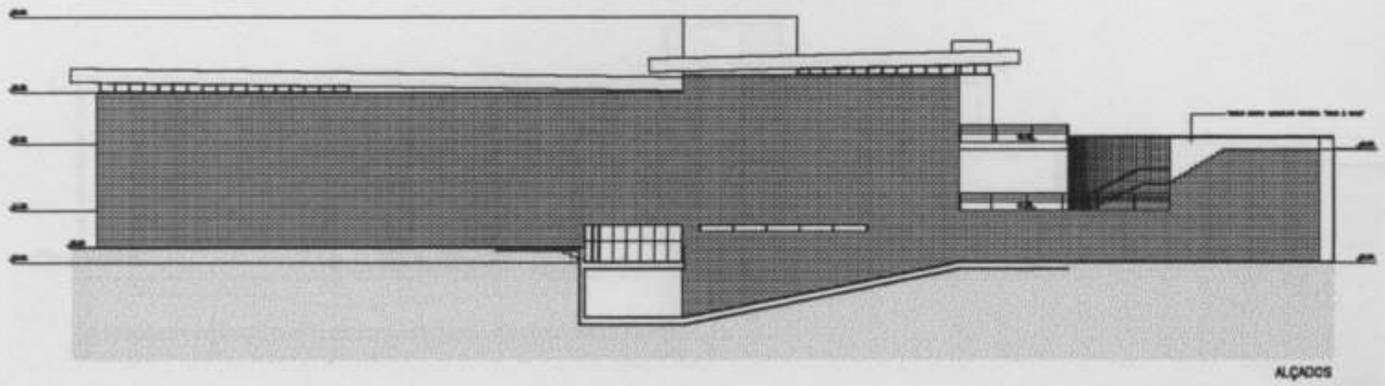
prevê-se a utilização de um destes ginásios para a prática de musculação ou artes marciais, actividades que, pelas suas caracteristicas, necessitam de maior área por praticante, prevendo-se que os restantes três ginásios venham a ser utilizados para práticas como aeróbica, manutenção, cardio-fitness, etc.

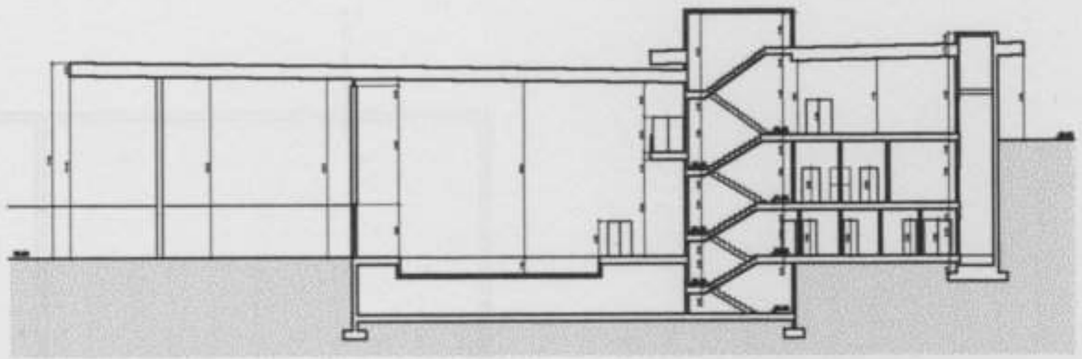
As áreas técnicas, bem como as áreas de armazém localizar-se-ão no espaço da cave que será acessivel pelo interior do edificio através de umas escadas ou, pelo exterior do edificio, através de uma rampa dimensionada para a circulação de veículos motorizados. Aqui implantar-se-ão todos os sistemas de tratamento da água, aquecimento central e ventilação.

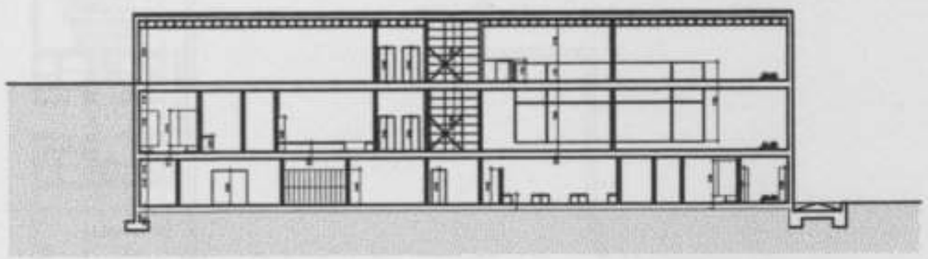


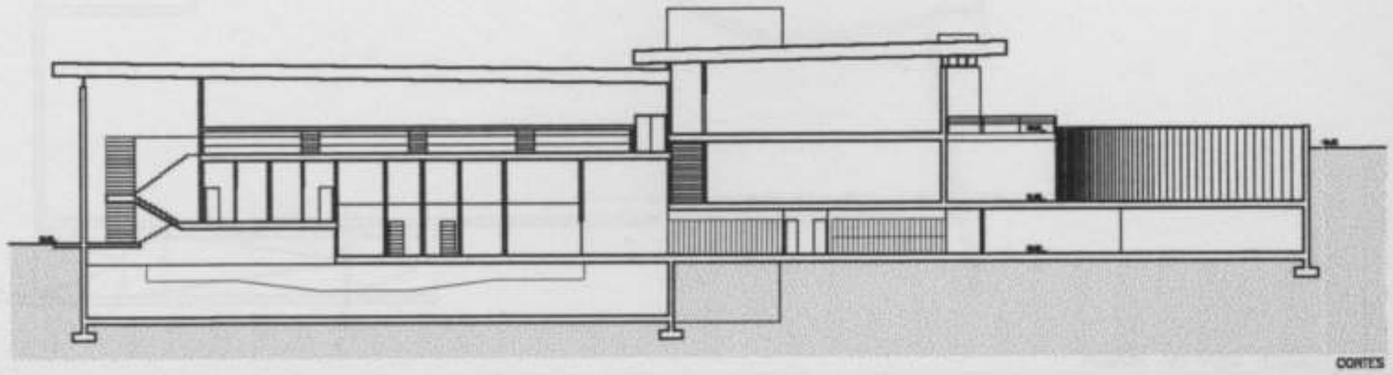




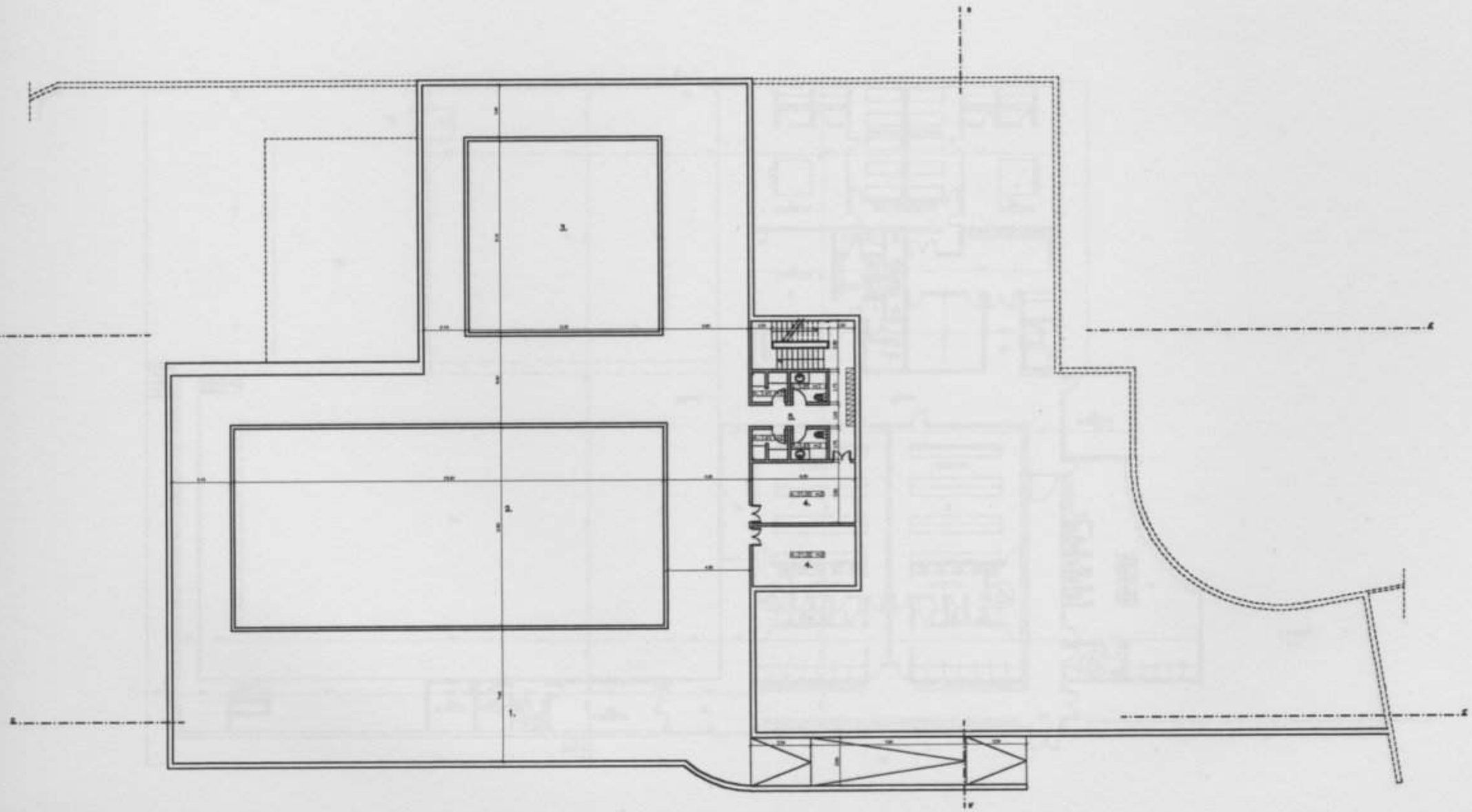

ALÇADOS



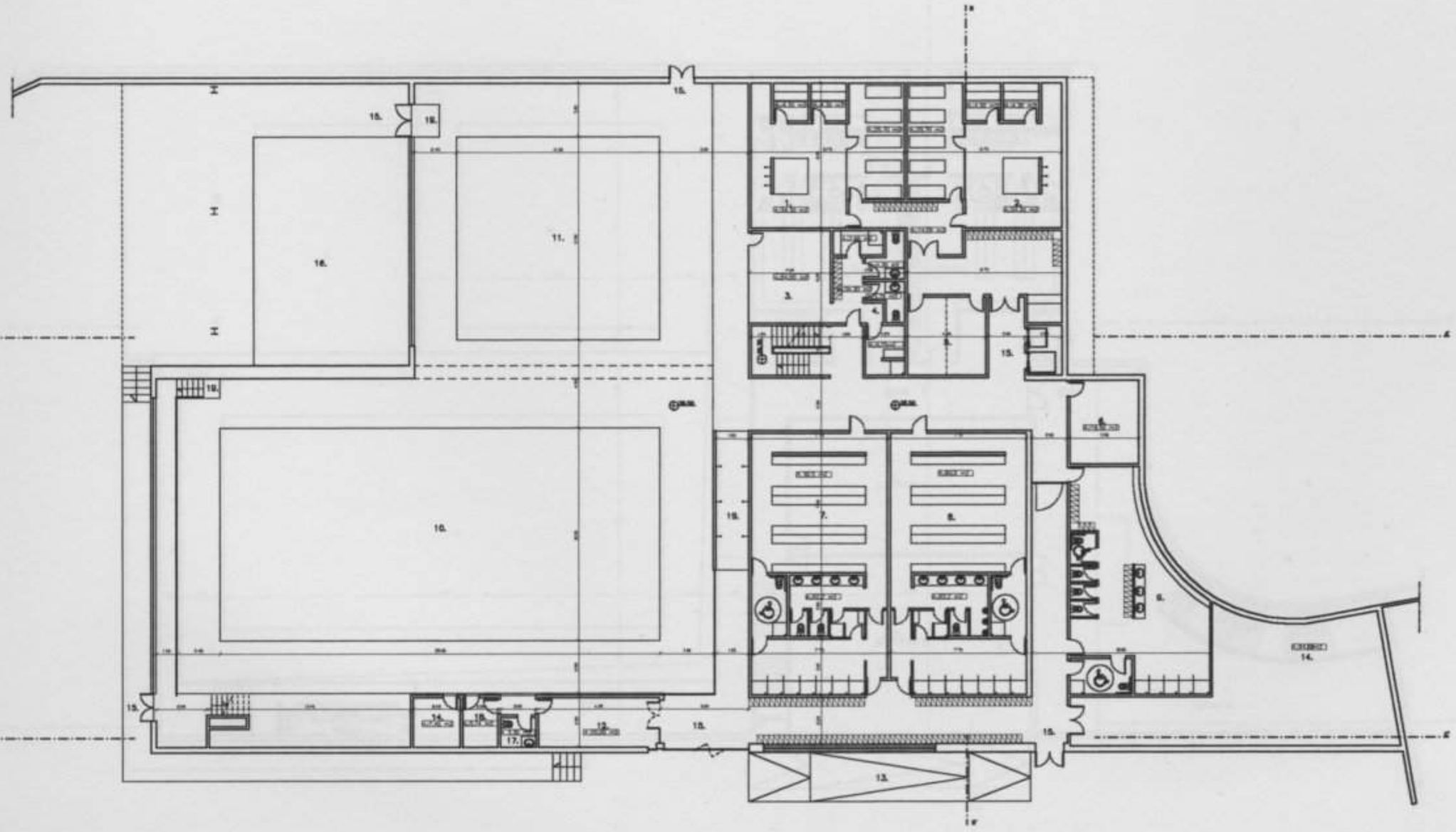




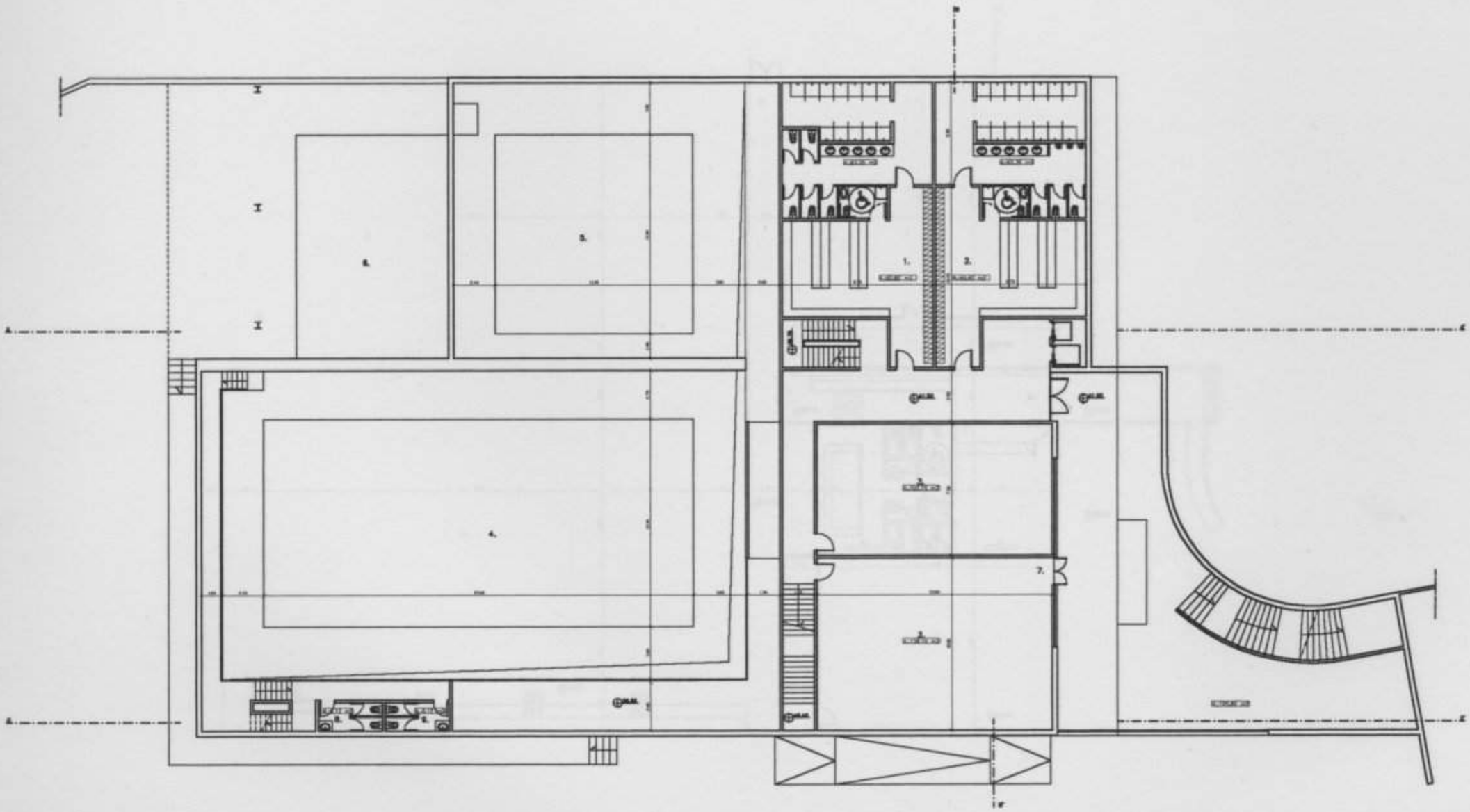
CONTES



PLANTA DO PISO TÉCNICO



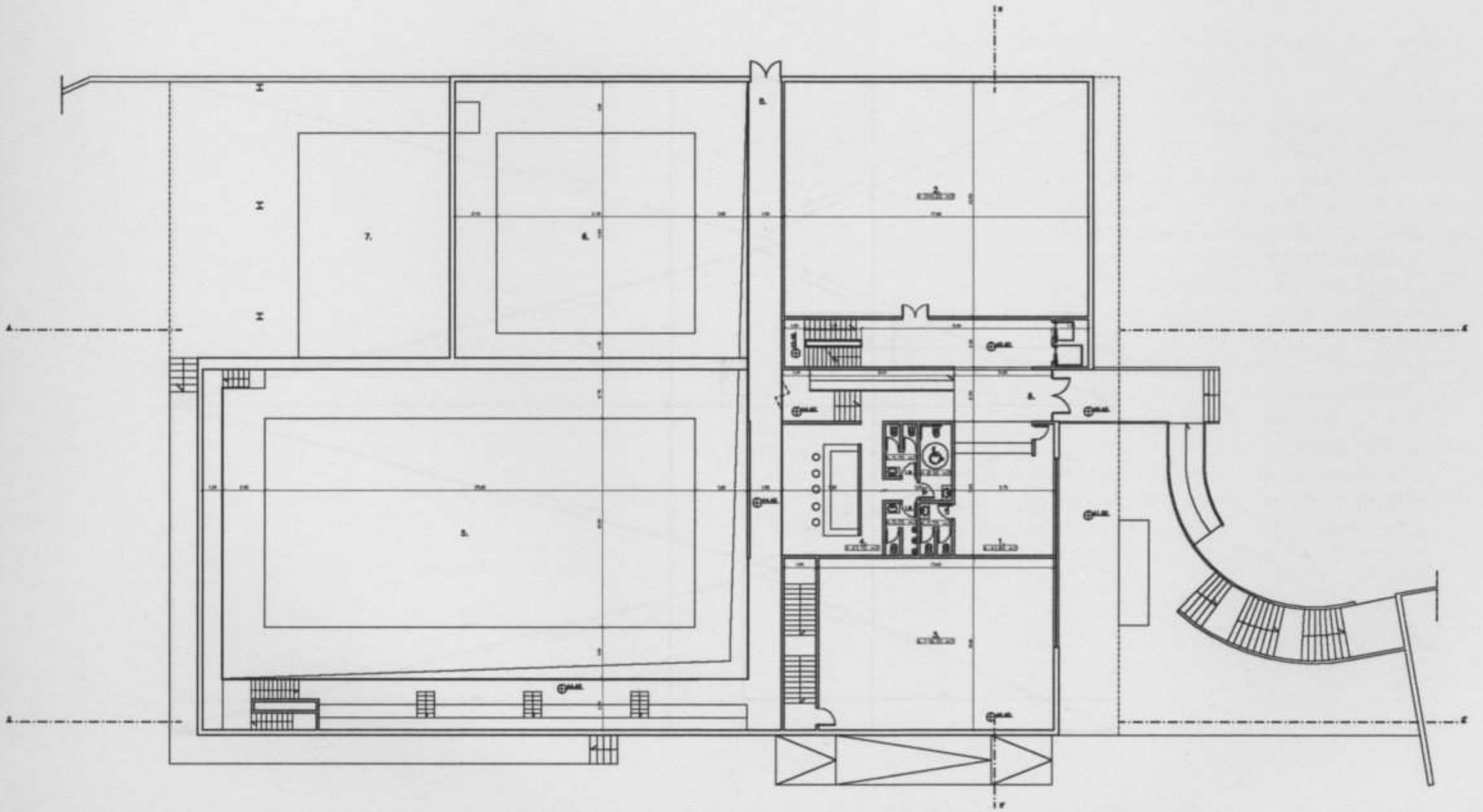
PLANTA DO CAIS



1. VESTIÁRIO/BALNEÁRIO (FEMININO)
2. VESTIÁRIO/BALNEÁRIO (MASCULINO)
3. GINÁSIO DE AERÓBICA/MANUTENÇÃO
4. TANQUE DESPORTIVO
5. TANQUE DE APRENDIZAGEM
6. ESPELHO DE ÁGUA (ARRANJOS EXTERIORES)
7. SAÍDAS DE EMERGÊNCIA E SERVIÇO
8. I.S. -FEM. (APOIO ÀS BANCADAS)
9. I.S. -MASC. (APOIO ÀS BANCADAS)

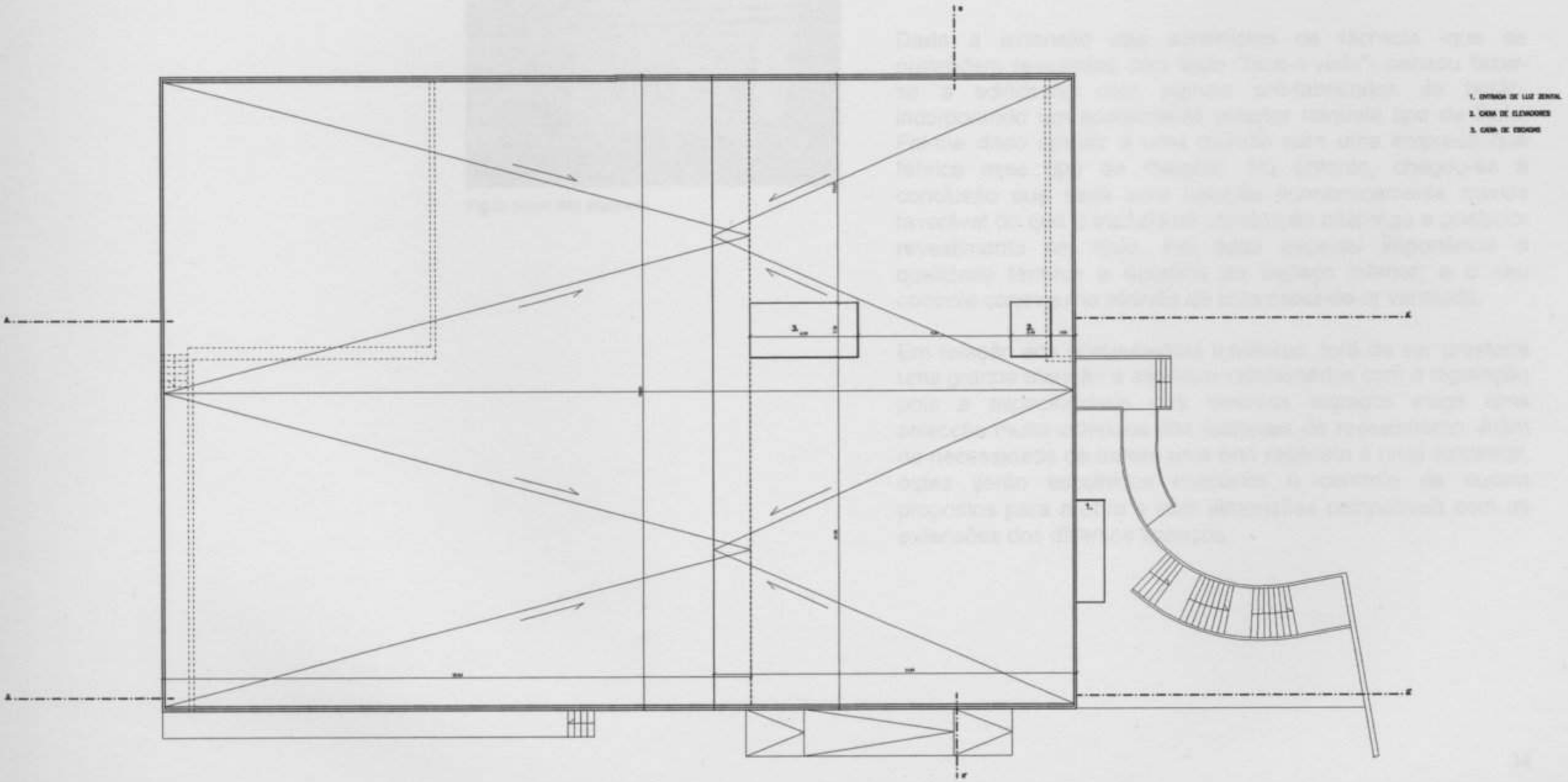
CACIFOS

PLANTA DE PISO DOS GINÁSIOS



1. SECRETARIA
2. GINÁRIO DE MUSCULAÇÃO/ARTES MARCIAIS
3. GINÁRIO DE AERÓBICA/MANUTENÇÃO
4. BAR
5. TANQUE DESPORTIVO
6. TANQUE DE APRENDIZAGEM
7. ESPELHO DE ÁGUA (ARRANJOS EXTERIORES)
8. SAÍDAS DE EMERGÊNCIA E SERVIÇO

PLANTA DE PISO DE ENTRADA



PLANTA DE COBERTURA

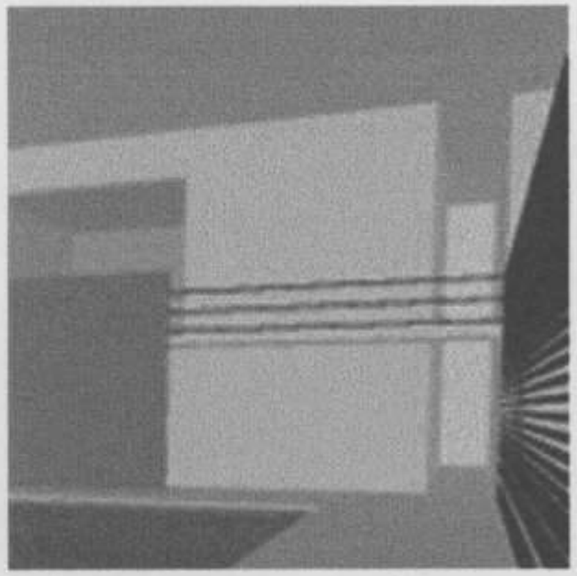


Fig.6- Nave das piscinas

Complexo de piscinas - aspectos construtivos

No que respeita aos aspectos construtivos, prevê-se uma construção baseada em sistemas construtivos correntes, com estrutura de betão armado e alvenarias de tijolo de barro vermelho.

Dada a extensão das superfícies de fachada -que se pretendem revestidas com tijolo "face-à-vista"- pensou fazer-se a edificação com paineis pré-fabricados de betão, incorporando um acabamento exterior naquele tipo de tijolo. Foi-me dado assistir a uma reunião com uma empresa que fabrica esse tipo de material. No entanto, chegou-se à conclusão que seria uma solução economicamente menos favorável do que a tradicional construção pilar-viga e posterior revestimento em tijolo. Foi dada especial importância à qualidade térmica e acústica do espaço interior, e o seu controle conseguido através de uma caixa-de-ar ventilada.

Em relação aos acabamentos interiores, terá de ser prestada uma grande atenção a aspectos relacionados com a legislação pois a especificidade dos diversos espaços exige uma selecção muito criteriosa dos materiais de revestimento. Além da necessidade de darem uma boa resposta a nível funcional, estes serão escolhidos mediante o controlo de custos propostos para a obra e com dimensões compatíveis com as extensões dos diversos espaços.

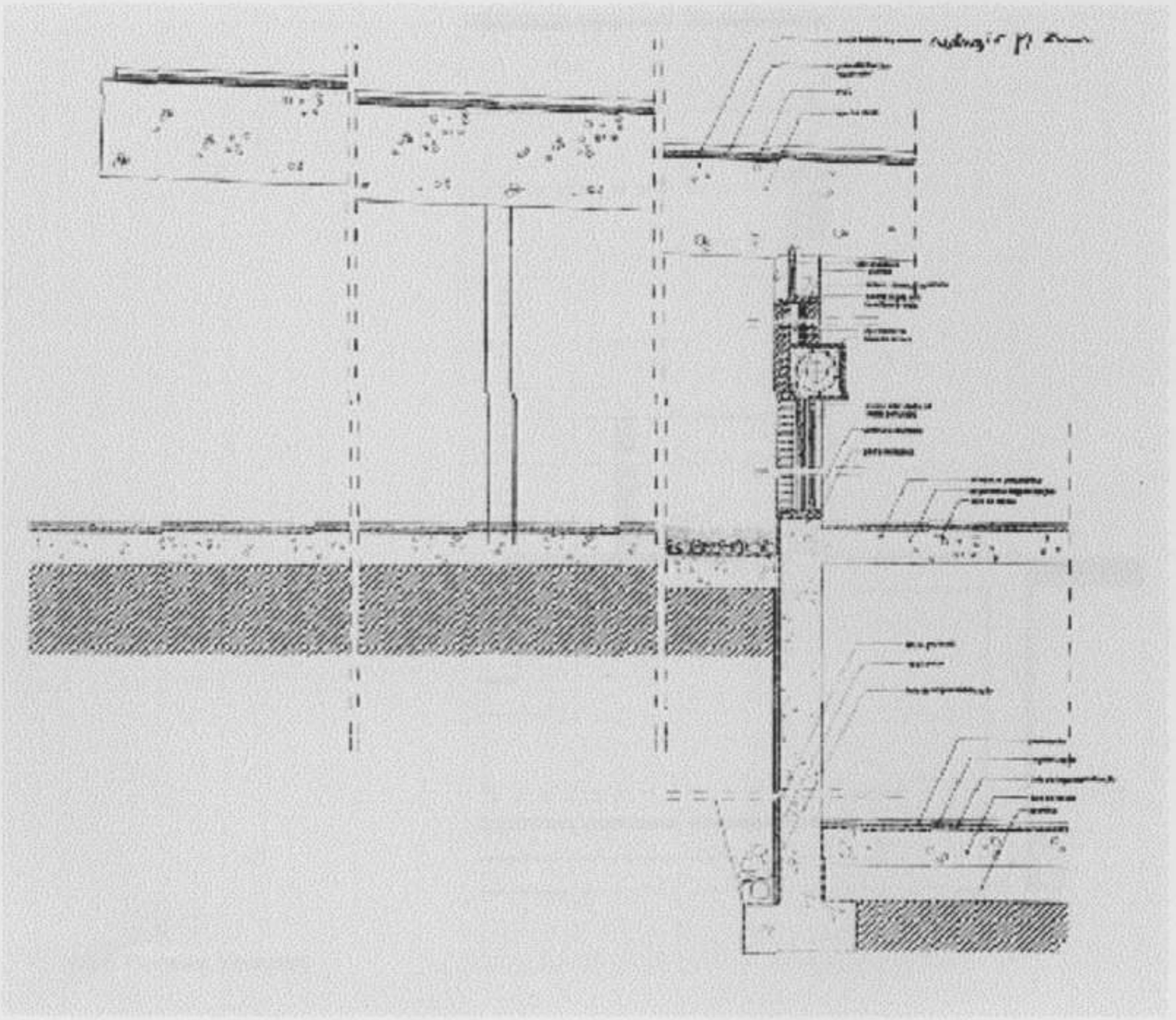


Fig.7- Pormenor construtivo

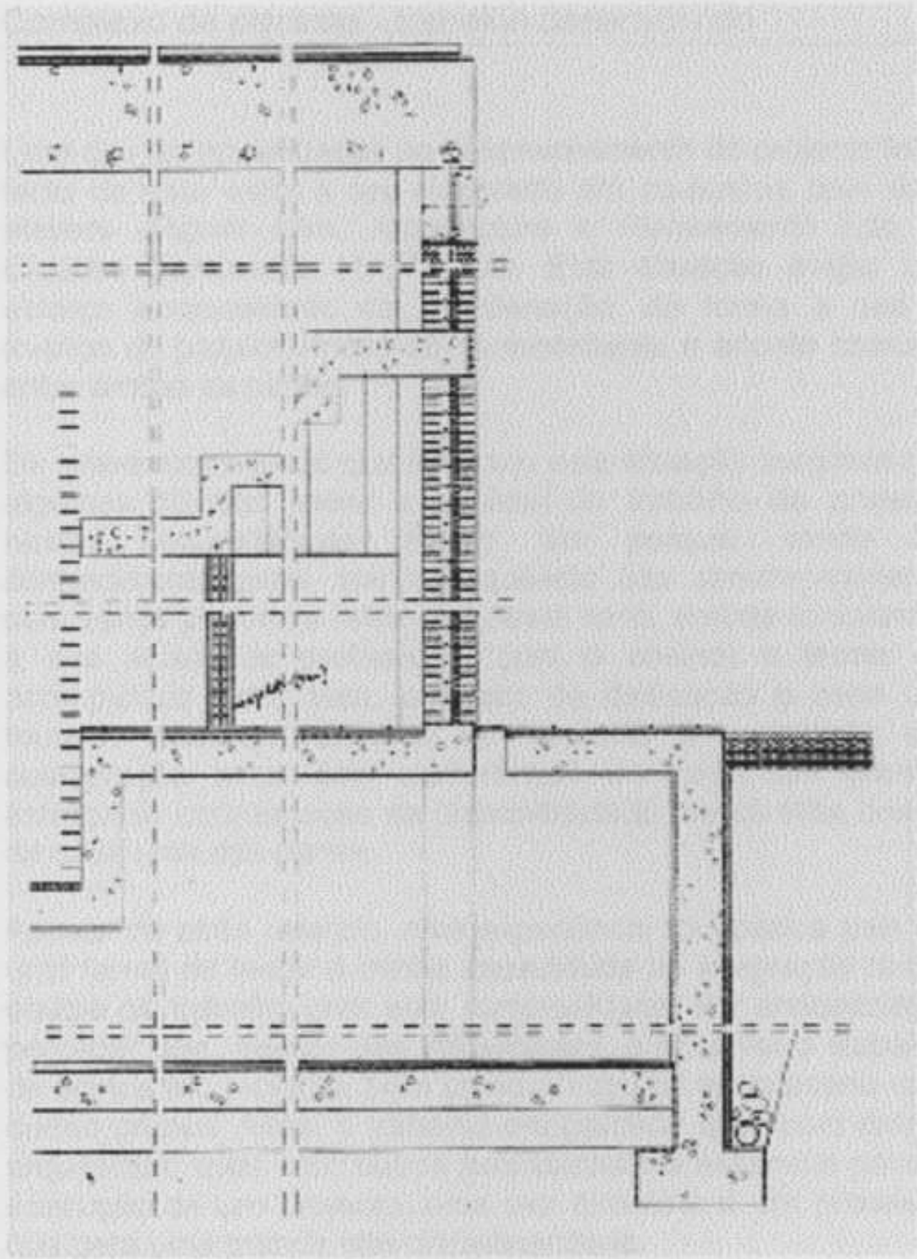


Fig.8- Pormenor construtivo

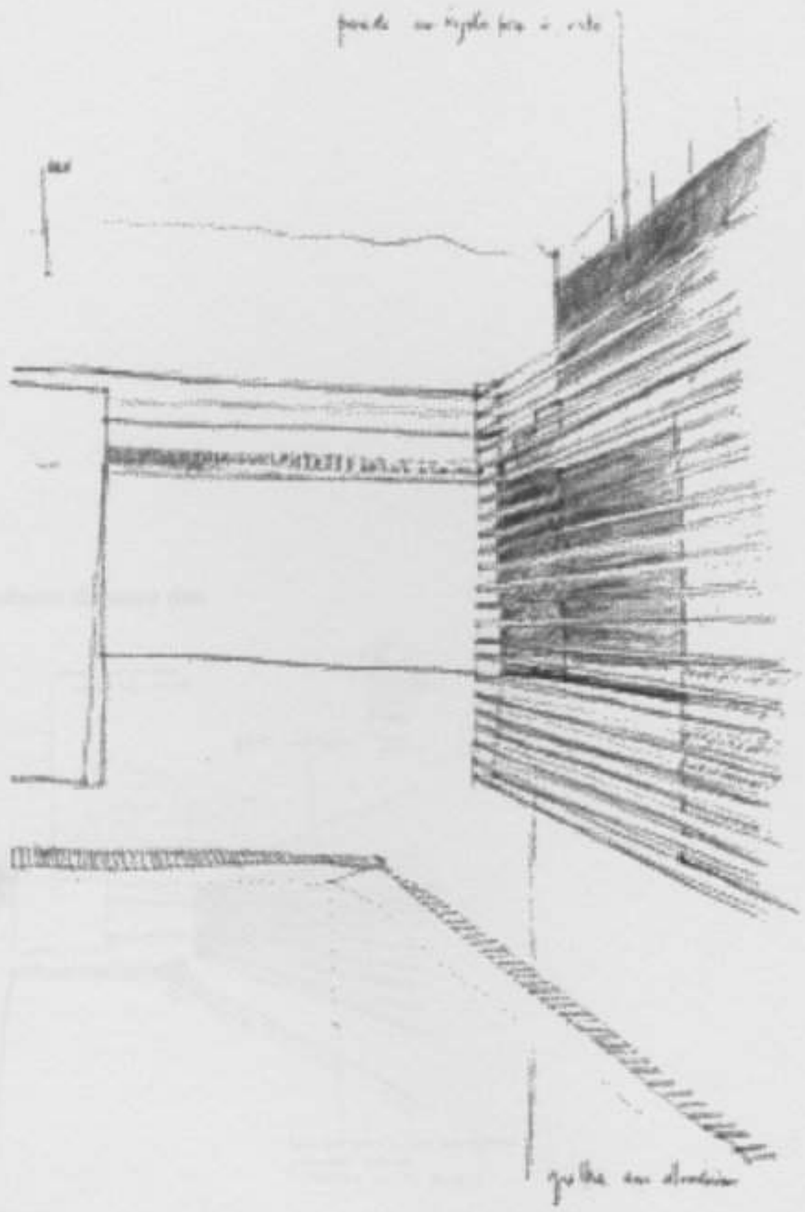


Fig.9- Desenho do interior da nave das piscinas

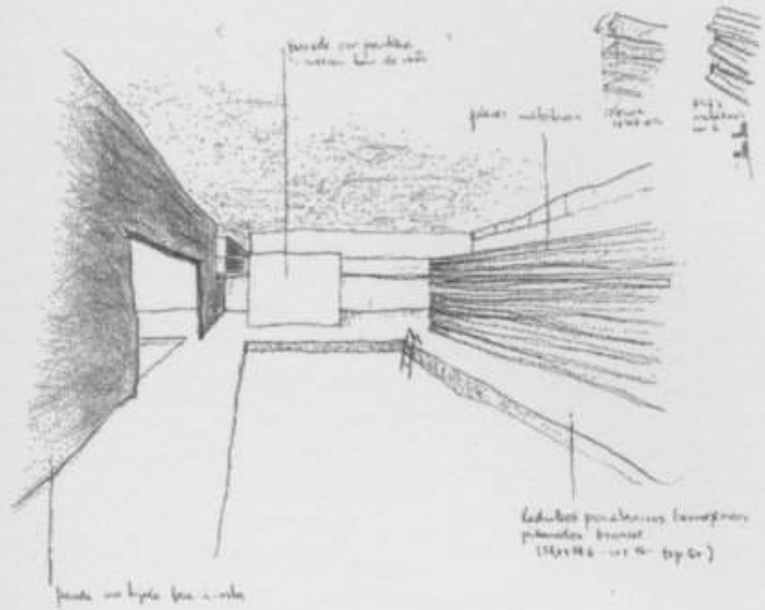
Complexo de piscinas - trabalho desenvolvido

Uma das particularidades no desenvolvimento do projecto foi o facto de este estar a ser elaborado em co-autoria com dois ateliers -*Miguel Mira, Arquitectura e Planeamento Lda.* e *Cidades (in)visíveis, Arq*$^{tos.}$ *Lda.* Esta situação exigiu um esforço acrescentado de coordenação, de forma a que o avanço do projecto fosse do conhecimento e acordo comuns entre ambas as partes.

Da breve experiência que tive com esta situação surgiram-me algumas dúvidas sobre a eficácia do trabalho de projecto nestas circunstâncias. Refiro isto porque, sendo do conhecimento geral que o arquitecto lida simultaneamente com vários projectos (além de, neste caso, ambos concilarem a sua actividade profissional com o ensino) e tendo de acompanhar todos eles, o tempo de dedicação a cada um torna-se escasso. Quando um projecto é executado em colaboração entre dois ateliers tem de haver um grande esforço de coordenação da disponibilidade (ou da falta desta) de cada uma das partes.

Apesar do atrás referido, esta experiência foi positiva pois foi uma forma de testar a minha capacidade de integração numa equipa de trabalho com esta complexidade. Foi enriquecedor perceber que, apesar das dificuldades, é possível o trabalho de equipa em projecto, bem como o trabalho em parceria com outros grupos. Aliás, o trabalho em parceria quer com outros arquitectos, quer com outros profissionais é essencial para a execução de um projecto, uma vez que este é um processo que gera uma grande interdisciplinaridade.

Fig.10- Desenho do interior da nave das



Felizmente o desenvolvimento de novos meios -especialmente internet- veio facilitar a coordenação do trabalho em conjunto. Tive a oportunidade de presenciar alguns trabalhos do atelier executados em parceria com outros profissionais que utilizavam as formas de comunicação acima referidos, permitindo estes uma significativa redução da necessidade de reunião "física" ou geográfica com o objectivo de transferir ou discutir informação.

No projecto do Complexo de Piscinas, uma vez que estive presente em quase todas as reuniões, foi-me dada a hipótese de trabalhar directamente com as diversas especialidades - neste caso engenharia civil e engenharias relativas ao tratamento da água e da qualidade do ar. Foi importante poder constatar que é função do arquitecto coordenar as diversas especialidades. Apesar da divisão técnica do trabalho existe uma grande interdependência entre os diversos grupos profissionais. Faz parte do exercício da arquitectura coordenar as diversas áreas de conhecimento, de forma a torná-las úteis e benéficas para o desenvolvimento do projecto. No fundo o arquitecto é um organizador. Apesar de o acto projectual ser um acto compartilhado, cabe ao arquitecto pensar e conceber o edifício como um todo.

Apesar de ser este projecto aquele que mais tempo e dedicação me exigiu durante o tempo de estágio, a brevidade deste periodo não permitiu que eu acompanhasse o mesmo do princípio ao fim. O tempo necessário para o desenvolvimento, com as suas componentes desenhadas e escritas necessárias à conclusão de um processo com estas características, é muito superior ao período de estágio. Desta forma, quando comecei a trabalhar neste projecto a fase de

licenciamento estava quase terminada, o que implicou que o meu contributo na fase conceptual da ideia do projecto foi praticamente nula. No entanto, o facto de no atelier, e particularmente neste projecto, se utilizar uma linguagem arquitectónica próxima daquela pela qual enveredei durante o curso, contribuiu para me cativar para a realização deste trabalho.

Quando o mesmo me foi entregue verificavam-se algumas incoerências entre o que estava desenhado e a vontade do cliente -cuja principal preocupação era que o projecto fosse rapidamente aprovado pela entidade competente (Câmara de Sintra), havendo também alguns desajustes relativamente à legislação em vigor (áreas e disposição de determinados espaços). Grande parte do meu contributo neste projecto esteve ligado à adaptação da distribuição interna do edifício aos novos requisitos que iam surgindo quer por parte do cliente, quer de forma a responder às normas existentes. Estas adaptações foram feitas através do método de experimentações sucessivas (já que em cada reunião surgiam novos problemas, novas dúvidas) com o objectivo de responder satisfatoriamente a todas as condicionantes da Câmara de Sintra, entidade que avalia a viabilidade deste projecto.

Gostaria de evidenciar este último ponto, relativo à legislação, pois apesar de o seu conhecimento ser uma das principais determinantes para que um projecto seja aprovado, ele é quase totalmente descurado durante o tempo de aprendizagem na Faculdade. Penso que durante o curso os alunos não são suficientemente despertados no sentido de se aperceberem da extrema importância da legislação no

processo do projecto de arquitectura. Aí reside, a meu ver, um dos maiores fossos entre os projectos hipotéticos que realizamos na Faculdade e o trabalho real do atelier.

Passada a fase do Projecto Base, começou a pensar-se nos pormenores construtivos, uma vez que a coerência da ideia passava também e obviamente pela escolha dos materiais, pela forma de construir, etc.

Nesta fase houve a necessidade de um trabalho mais próximo com o engenheiro responsável pois a particularidade da nave das piscinas -que se pretendia uma zona ampla e limpa de pilares- exigia um maior controlo da estrutura.

Verifiquei, contudo, que era benéfico para o arquitecto que, no diálogo com o engenheiro, o primeiro já tivesse mais ou menos definido a solução que encarava como de melhor adaptação à sua ideia de projecto. Para isso foi necessário, além da aplicação dos conhecimentos adquiridos durante o curso, procurar novas fontes de informação tais como livros especificos de construção, catálogos ou até mesmo reunir com os representantes dos materiais que nos pareciam mais conveniente utilizar, de forma a que estes pudessem esclarecer sobre as particularidades do material, bem como da sua colocação em obra. Não posso deixar de referir que considero imprescindível existir durante o curso, um contacto mais activo com as tecnologias de construção (através de visitas a obras, de convites da Faculdade a empresas representantes de materiais de construção, etc), pois o facto de a teoria leccionada nunca chegar a ser demonstrada pela prática fragiliza o conhecimento dos alunos.

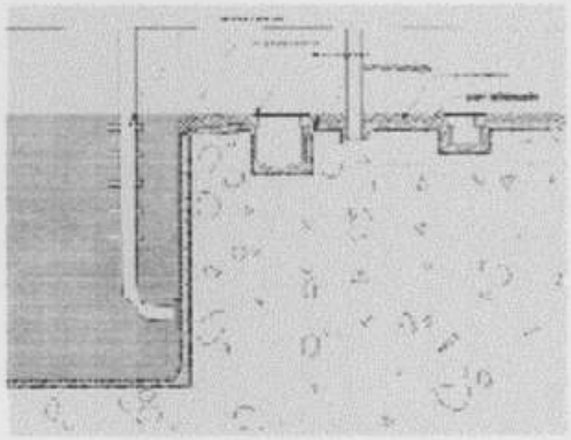


Fig.11- Pormenor do cais das piscinas (caleira filandesa)

Apesar de o periodo de estágio não me ter permitido acompanhar este projecto como um todo, cheguei ainda a esboçar uma ideia sobre o que viria a ser o mapa de acabamentos (que, como já disse atrás, tem de responder a uma série de requisitos legais), bem como o mapa de vãos (este último com especial atenção relativa à legislação de segurança contra riscos de incêndio). É, no entanto, com alguma pena que verifico não ter sido possível acompanhar a componente escrita do projecto, essencial à conclusão de todo o processo.

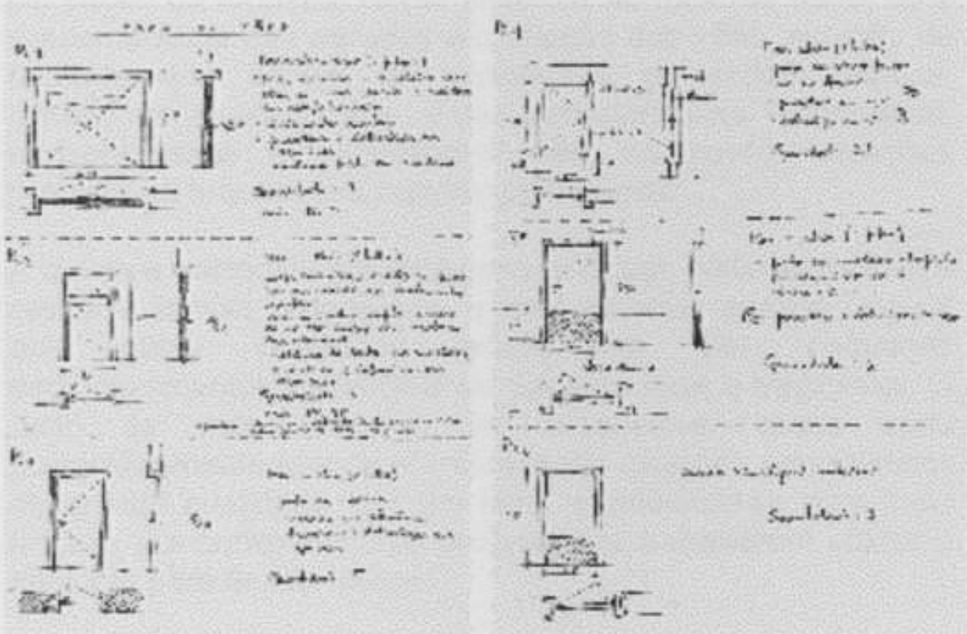


Fig.12- Estudo para mapa de vãos

Fig.12- Planta de localização (Alvaiázere)

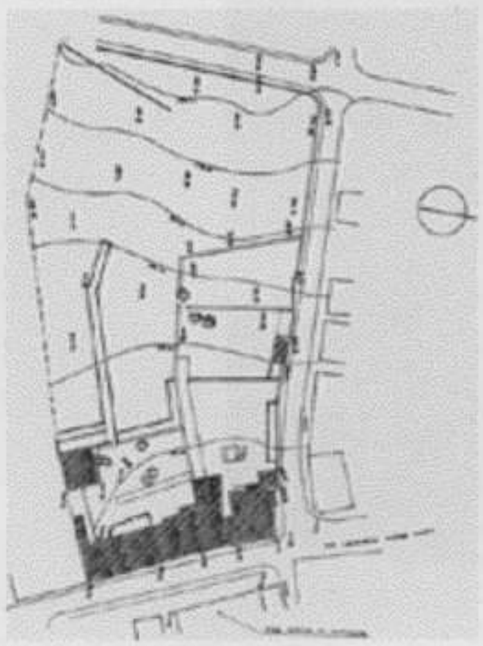


Fig.13- Planta deimplantação (Quinta do Roseiral)

Quinta do Roseiral - contexto urbano

Desde 1996 encontra-se em curso neste atelier um projecto de reabilitação de uma quinta em Alvaiázere. Esta quinta situa-se no centro da povoação e possui uma vista panorâmica sobre a Serra de Alvaiázere.

A composição dos volumes que a definem é de geometria simples e os edifícios apresentam-se como massas robustas, de proporções modestas e sobriedade de composição. A sensação de robustez talvez advenha do facto de haver uma predominância das paredes em relação aos vãos, solução de fachada que advém de imposições de ordem técnica, climatérica e económica. Estas caracteristicas -sobriedade, horizontalidade e hermetismo- são, no fundo, situações próprias da arquitectura popular portuguesa.

A quinta é composta por uma casa principal, onde actualmente reside a família proprietária, e seis edifícios anexos, alguns dos quais ocupados actualmente por pequenos estabelecimentos comerciais de carácter local e tradicional. O facto de este conjunto se desenvolver numa zona fisiograficamente favorável (oferecendo relações paisagísticas de grande qualidade, por um lado, e inserindo-se num meio urbano, por outro) levou os proprietários a quererem utilizar o conjunto para fins turísticos.

O conjunto da quinta, por se situar na rua principal da povoação e fazer parte da frente urbana que está de fronte para o largo onde se situa o edifício da Câmara Municipal e a Igreja Matriz (zona considerada centro histórico), apresenta nogeneidade com o restante tecido urbano de

Fig.14- Vista para o largo da Igreja Matriz

Fig.15- Fachada principal da casa mãe

Alvaiázere. Assim, destaca-se o valor que o conjunto edificado da Quinta do Roseiral tem no património urbano desta povoação.

Reconhecida a sua importância patrimonial, o P.D.M. de Alvaiázere recomenda a classificação da Igreja Matriz como Monumento Nacional. Nesta perspectiva, a Quinta do Roseiral fica incluida na sua zona de protecção legal, tal como os restantes edifícios que se encontram a uma distância máxima de 50 metros a contar dos limites exteriores do monumento.

A banda edificada do conjunto da quinta (localizada no largo central e principal do aglomerado), estabelece um dos limites definidores desse espaço, tornando-o urbanisticamente relevante. Toda a actividade funcional, administrativa, comercial, lúdica, tende a confluir, por ordem de prestígio, para este centro urbano.

Percebe-se então que, dentro deste contexto, a reabilitação/reutilização deste conjunto traga consequências benéficas quer no plano cultural, como urbanístico, arquitectónico ou até mesmo económico.

É interessante verificar que o edifício apresenta uma frente virada para a rua "mais nobre" que as fachadas orientadas para o quintal. Neste, encontra-se um conjunto heterogéneo de situações que vão do pragmatismo funcional das construções rurais (celeiro, casa do forno, galinheiro, tanques de rega) ao cuidado dos vãos, varandas e terraços que, ao encimarem os portais de acesso à quinta, oferecem interessantes espaços privados.

Esta heterogeneidade não tem, no entanto, um entendimento facilmente perceptível, isto é, é difícil compreender os critérios utilizados na selecção do cuidado dado a cada um dos edifícios, quer ao nível construtivo quer, e sobretudo, ao nível do detalhe decorativo. É curioso por exemplo verificar que tanto os vãos do galinheiro como os da adega são emoldurados em cantaria, enquanto os da casa principal foram moldados em estuque, de forma a assemelharem-se à pedra.

A casa principal, mandada construir ainda no século XIX e concluída entre 1900 e 1906 (datas gravadas sobre as vergas da porta principal e portão de serviço), é aquela que maior importância patrimonial possui. Este edifício, à semelhança do que aconteceu no país nessa época, foi construido como casa de campo da família, que pertencia à burguesia industrial lisboeta. Nesta mesma zona do país foram também construídas outras habitações de relevo significativo.

Figs.16 e 17- Quinta do Roseiral

Seguindo o traçado da época de composição classicista, este edifício tem, como já foi referido, um desenho de grande sobriedade e clareza de composição, o que o distingue do corrente romântico da época. Esta contenção de desenho aproxima a edificação do conjunto envolvente, de carácter popular.

Também pertencente à quinta existe mais um edifício de habitação que, apesar de datar da mesma época, possui menos imponência que o primeiro e outros edifícios de apoio à actividade agrícola: a adega -de dimensão considerável e onde ainda hoje se podem observar dois lagares, um deles possuindo uma prensa construída em tronco de carvalho que, pelo seu porte monumental e escultórico, se assume como

Fig.18- Vista exterior da quinta

Fig.19- Porta do edifício da adega

Fig.20- Prensa no interior da adega

Fig.21- Asna de travamento multidireccional

Fig.22- Asna triangular em madeira

elemento dominante do espaço interior deste edifício; o galineiro contíguo à adega e que, apesar da sua função, se pode destacar a riqueza das molduras dos vãos; o celeiro, cujo aspecto mais interessante a sublinhar é a construção da cobertura, apoiada num sistema de asna de madeira de travamento multidireccional e um edifício com um forno.

É de referir, no entanto, que a simplicidade decorativa do exterior contrasta com a decoração excessiva do interior. Todo o interior da casa é um "faz de conta", com paredes em estuque pintado de forma a simular mármore, portas de madeira pintadas com veios de madeira ilusórios e uma decoração excessivamente detalhada dos tectos, possuindo uma das salas uma mesa de chá moldada em estuque, onde se podem observar desde o bule, às chavenas, colheres, pequenos bolos e pães, etc.

Após um estudo detalhado, elaborado pelo atelier antes da minha estada no mesmo, chegou-se à conclusão que a quinta apresentava um conjunto de sinais particulares que lhe garantiam uma qualidade patrimonial especial, e que eram os seguintes:

"1º É um conjunto que apresenta (e documenta) claramente a história da sociedade portuguesa, seus costumes e cultura no princípio do século;

2º Integra e mantém preservados os traços primordiais da cultura e tradições arquitectónicas desta zona das beiras quer no que diz respeito ao carácter estético, quer no que diz respeito aos aspectos das tradições e saber construtivo;

3º Constitui-se conjunto de interesse urbanístico relevante para o desenvolvimento integrado do aglomerado de Alvaiázere na medida em que é parte importante do "centro histórico";

4º Ainda do ponto de vista urbanístico, permite e potenciará a permanência de património natural relevante em extensão e qualidade, num centro urbano contribuindo assim para a manutenção dos fundamentais equilíbrios ecológico e cultural".

Quita do Roseiral - trabalho desenvolvido

Em 1996, ainda antes da fundação do atelier, os arquitectos Susana Fialho e Pedro Partidário elaboraram, em conjunto, um Plano Integrado de Salvaguarda da Frente Urbana do Centro Histórico de Alvaiázere e, aplicando este plano, realizaram o projecto de reabilitação da casa mãe, bem como o projecto de reabilitação da farmácia pertencente à mesma família.

Em 1999, enquanto decorria o meu periodo de estágio, o já então Atelier Cidades (In)visíveis, fez um plano de reconversão da Quinta de Alvaiázere para fins turísticos, inserindo-a na categoria de Turismo em Espaço Rural (T.E.R.).

A primeira tarefa que me foi entregue relativa a esta quinta foi a elaboração de um estudo de fachada. Apesar de, como já anteriormente foi referido, as fachadas da casa terem um carácter bastante simplista houve, sem dúvida, uma preocupação acrescida na construção da fachada principal: o remate do telhado com uma cornija bem demarcada, o contorno da janela de sacada e das duas janelas que a ladeiam, as mísulas que suportam o varandim da porta de sacada que demarca o centro do edifício tanto em altura como em largura, o registo dos azulejos em paineis no piso térreo e o monograma do fundador da casa são exemplos desse cuidado.

A minha função foi, então, estudar o alçado lateral norte (com portas corridas no piso térreo e janelas com igual disposição no primeiro piso) uma vez que, por um lado, era necessária a

Fig.23- Estudo de composição de fachadas

introdução de um novo elemento -chaminé- que traria alguns problemas na nova composição da fachada e, por outro lado, se sentia a necessidade de estabelecer uma maior unidade entre as duas fachadas -nascente (ou principal) e norte- até então de relação bastante frágil.

Os problemas mais eminentes do novo elemento da fachada estavam relacionados, em primeiro lugar, com as proporções da chaminé, em segundo lugar, com a interrupção que esta iria provocar na cornija do edifício. O que tentei fazer foi reportar alguns alinhamentos da fachada principal para a fachada lateral, que seriam reconhecidos quer por alteração dos materiais, quer por diferenciação de texturas.

Em relação à intersecção da chaminé com a cornija sugeri que a última, agora em pedra, se destacasse o suficiente do plano de fachada, de modo a não ser intersectada pela chaminé e poder ser lida como um elemento linear contínuo. Esta cornija possibilitaria ainda, com as suas novas dimensões, conter a caleira, também esta até agora inexistente.

Comentou-se, a dada altura, que uma das possibilidades de se conseguir criar uma unidade entre as duas fachadas seria a reprodução de painéis de azulejos idênticos aos existentes na fachada principal. O meu parecer, que penso ir de encontro ao enunciado na Carta de Atenas, é que a reprodução de azulejos idênticos aos existentes iria dificultar a distinção entre a nova intervenção e o edifício tal como ele era. Acredito que, apesar dos novos elementos a introduzir deverem integrar-se harmoniosamente no conjunto, estes devem também ser distinguíveis da parte original e o seu reconhecimento imediato.

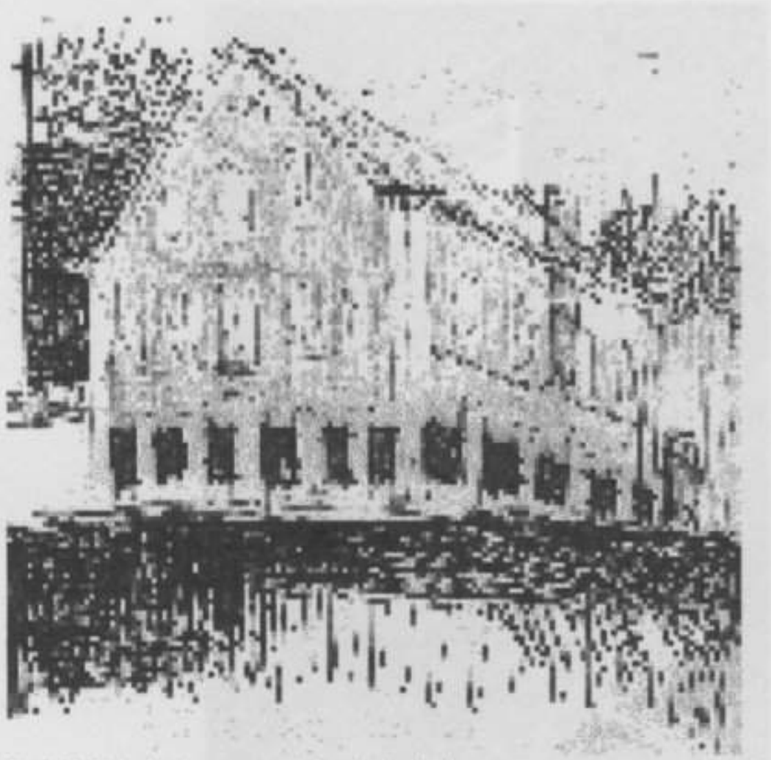


Fig.24- Estudo de composição de fachadas
(Desenho de Arq. Pedro Partidário)

Penso que intervir num edifício antigo levanta muito mais problemas que projectar um edifício de raíz. Os critérios de reconstrução/reabilitação são muito discutíveis e é bastante difícil criar-se uma arquitectura que seja, ao mesmo tempo, tradicional e moderna. O respeito que o tempo confere aos edifícios é, muitas vezes, uma forma de repressão sobre o arquitecto e a linguagem arquitectónica que geralmente utiliza. No entanto, para mim, a questão da autenticidade das intervenções de restauro é fundamental e primordial.

A acrescentar a toda uma série de dúvidas que subsistem no arquitecto aquando duma intervenção num edifício antigo, surge também a memória quer do cliente, quer da restante população que, de alguma forma, se encontra ligada ao edifício. Uma curiosidade relacionada com este projecto foi do arquitecto ter comunicado que, depois de um estudo de cores, lhe parecia que a solução mais correcta seria pintar as fachadas do edifício de determinado tom de azul e a cliente se ter mostrado reticente, argumentando não existir qualquer outro edifício dessa cor naquela povoação.

Àparte o estudo da fachada, coube-me também estudar a possibilidade de intervir numa marquise fechada a poente e a sul com janelas de guilhotina, com bandeiras de vidros aos losangos azuis e vermelhos, de onde se pode disfrutar de uma das melhores vistas da vila sobre a serra. Este tipo de varanda envidraçada e orientada para o sol é muito comum na arquitectura regional beirã, constituindo uma tentativa de minimizar o desconforto climatérico dos restantes espaços da casa. Estas varandas acabam por se tornar nas dependências de maior permanência e utilidade da casa, realidade que verificámos coincidir com os hábitos desta família.

Fig.25- Marquise (vista exterior)

O que acontece neste caso é que o envidraçado se mostra demasiado extenso para que haja uma situação de conforto. Para solucionar esta realidade foi colocado um sombreamento constituído por um conjunto de placas de madeira presas aos caixilhos, também em madeira. No entanto, além de esteticamente não ser a solução mais adequada, também não possibilita que, do interior, as pessoas se apercebam da beleza dos vãos existentes, uma vez que apenas se encontra visível menos de metade da área dos mesmos.

Estava então já decidido que as placas de madeira seriam substituídas por paineis de mármore claro que, apesar de permitirem a entrada de luz, minimizariam a intensidade dos raios solares. Era, no entanto, necessário descobrir a melhor forma de colocação dos paineis para que estes funcionassem satisfatoriamente. No inicio pareceu-me interessante que, apesar dos paineis de mármore cobrirem os vidros coloridos do topo dos vãos, existisse alguma forma de as pessoas se aperceberem dos mesmos. Elaborei alguns estudos com essa intenção, contudo, a solução adoptada foi um sistema de perfis de ferro em `I` que iriam suportar os ditos paineis.

Contiguo a este espaço encontra-se um quarto e uma instalação sanitária. Dadas as restritas áreas destes espaços, a cliente pretendia que se tentasse, tanto quanto possível, ampliá-los. A solução proposta pelo atelier foi reconstruir paredes de menor expessura, reduzindo assim as suas dimensões em relação às paredes originais. Esta solução obrigava, contudo, a que a estrutura da casa fosse repensada. Coube-me a tarefa de fazer a distribuição dos dois espaços em que, depois de uma reunião com o cliente, se decidiu que a divisão entre eles iria ser executada através de uma

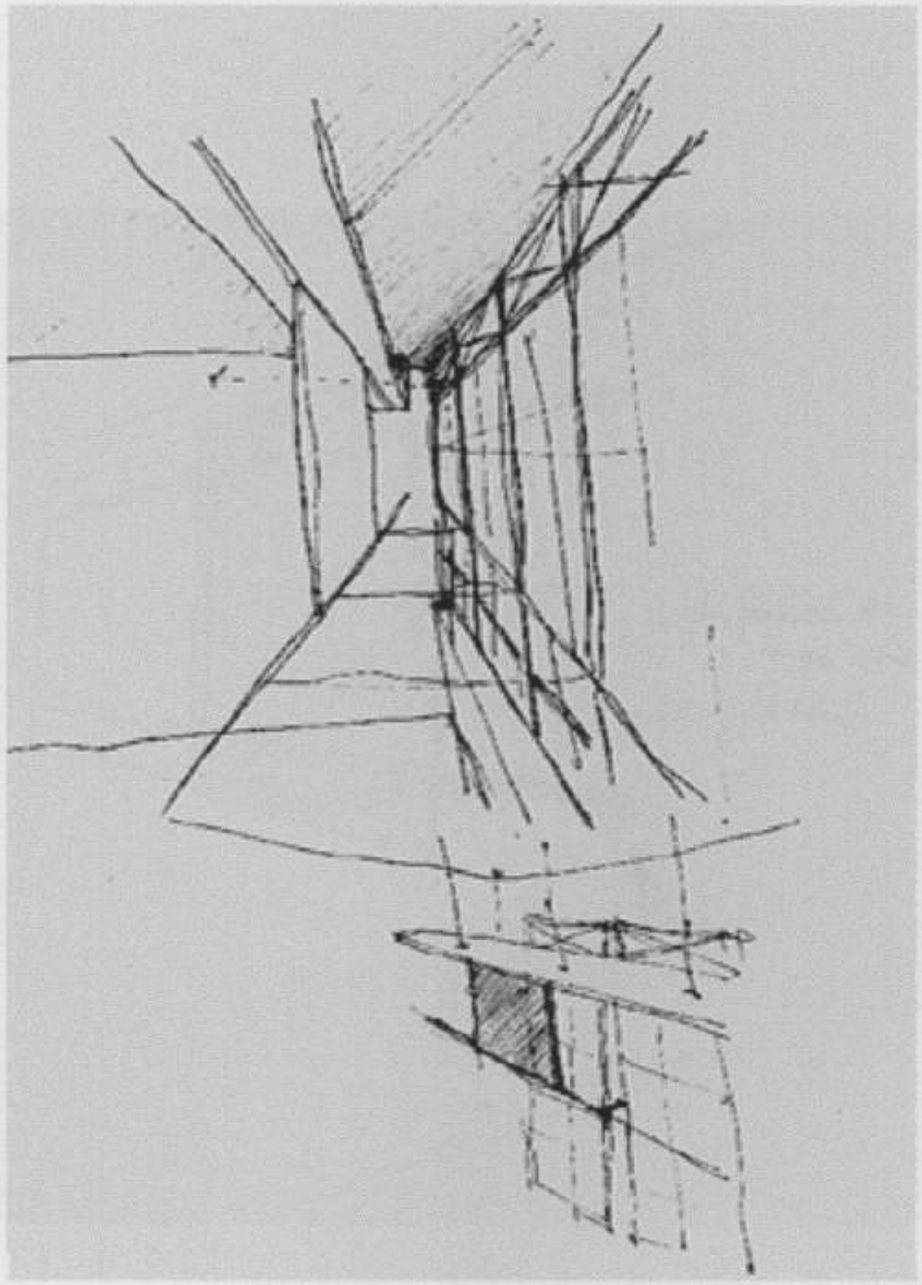
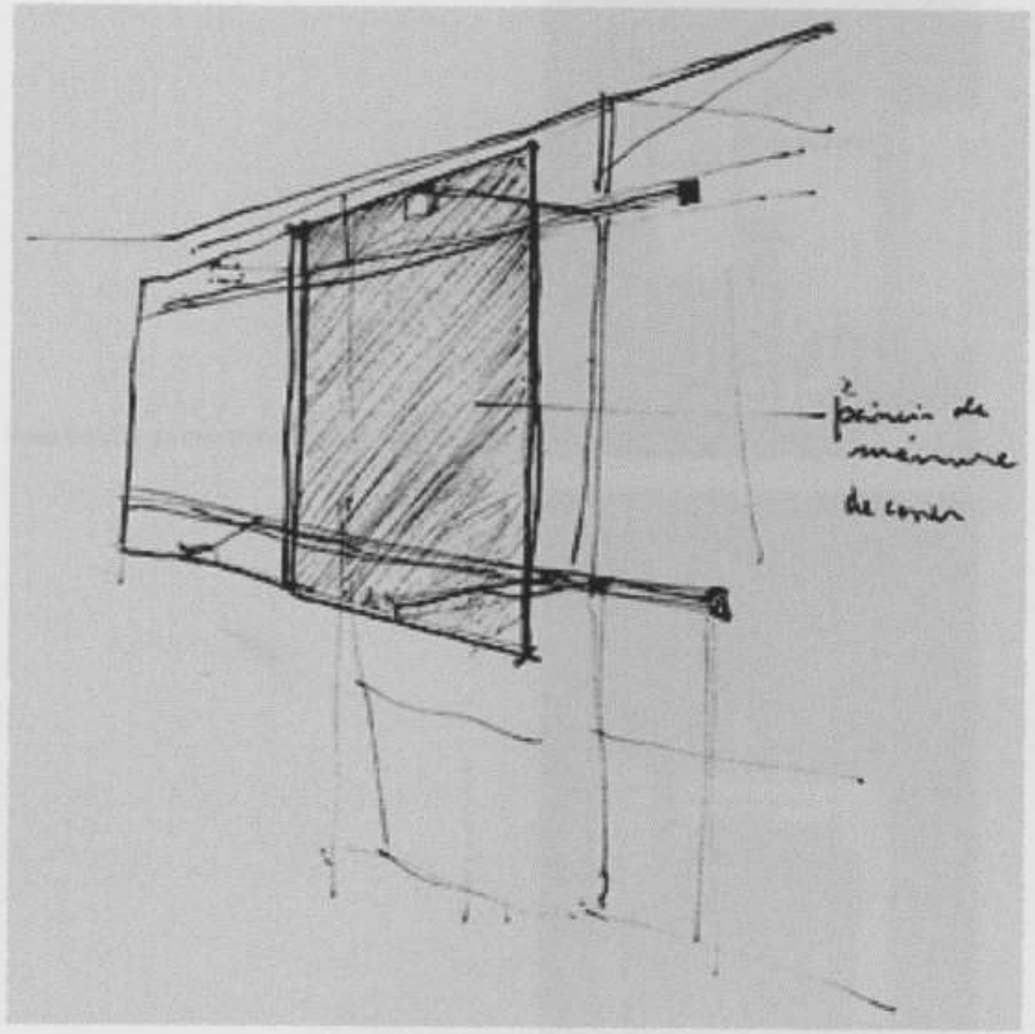


Fig.26- Estudo de colocação dos painéis de sombreamento em mármore



Figs 27 e 28 - Estudo de colocação dos painéis de sombreamento em mármore

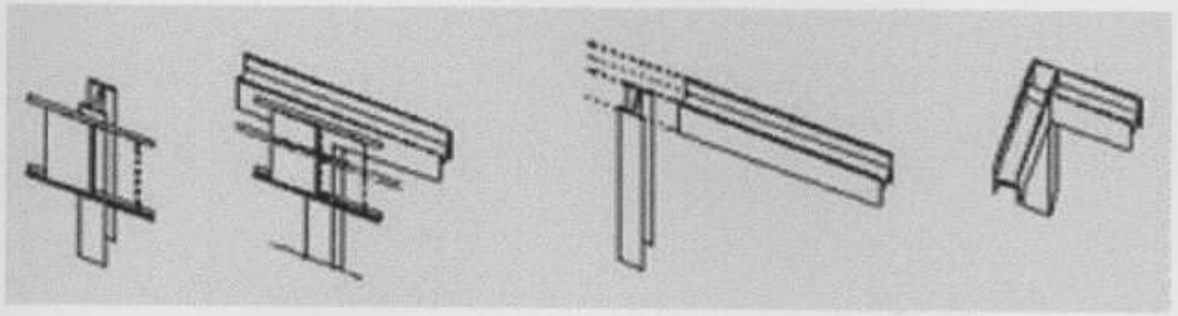


Fig.29- Vista interior da marquise (estado actual)

Fig.29- Vista interior da marquise (simulação da solução)

"parede-móvel" de correr que, por isso, além de possibilitar poupar algum espaço, teria uma dupla função.

Outra tarefa que me foi atribuída foi repensar um pequeno espaço que, por se encontrar junto à perfumaria, iria servir de apoio à mesma. Este espaço deveria conter uma instalação sanitária e um vestiário para serem utilizados pelo(a) empregado(a) da loja e, se possível, possuir algum espaço de armazenamento.

Para a elaboração do estudo do T.E.R. houve a necessidade de executar um levantamento completo da quinta, com todos os edifícios que a constituem, uma vez que até à data o único edifício "levantado" era a casa principal. Este levantamento foi executado em conjunto, por mim, por dois estudantes de arquitectura e por uma jovem arquitecta, sob a orientação desta última.

Mais uma vez aqui o recurso ao desenho "à mão levantada" revelou-se um instrumento fundamental. Na maioria das situações o desenho de planos de duas dimensões (tais como plantas, cortes e alçados) não se mostravam suficientes para a perfeita compreensão do mesmo. Houve que recorrer a outros métodos, tais como desenhos perspectivados, fotografias e video. Só assim foi possível o bom entendimento do trabalho elaborado no local, de forma a permitir a sua transposição para o desenho rigoroso.

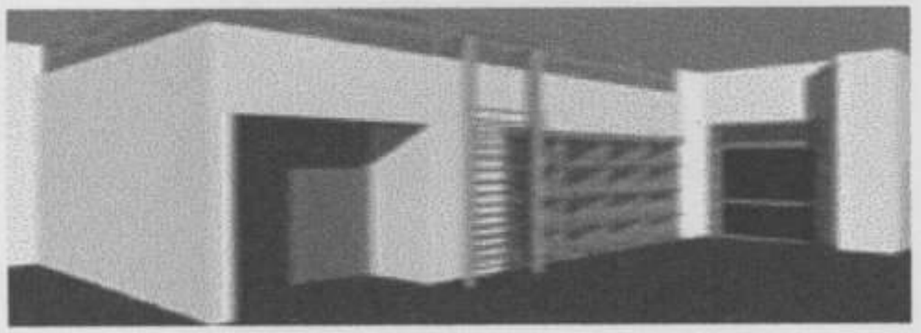
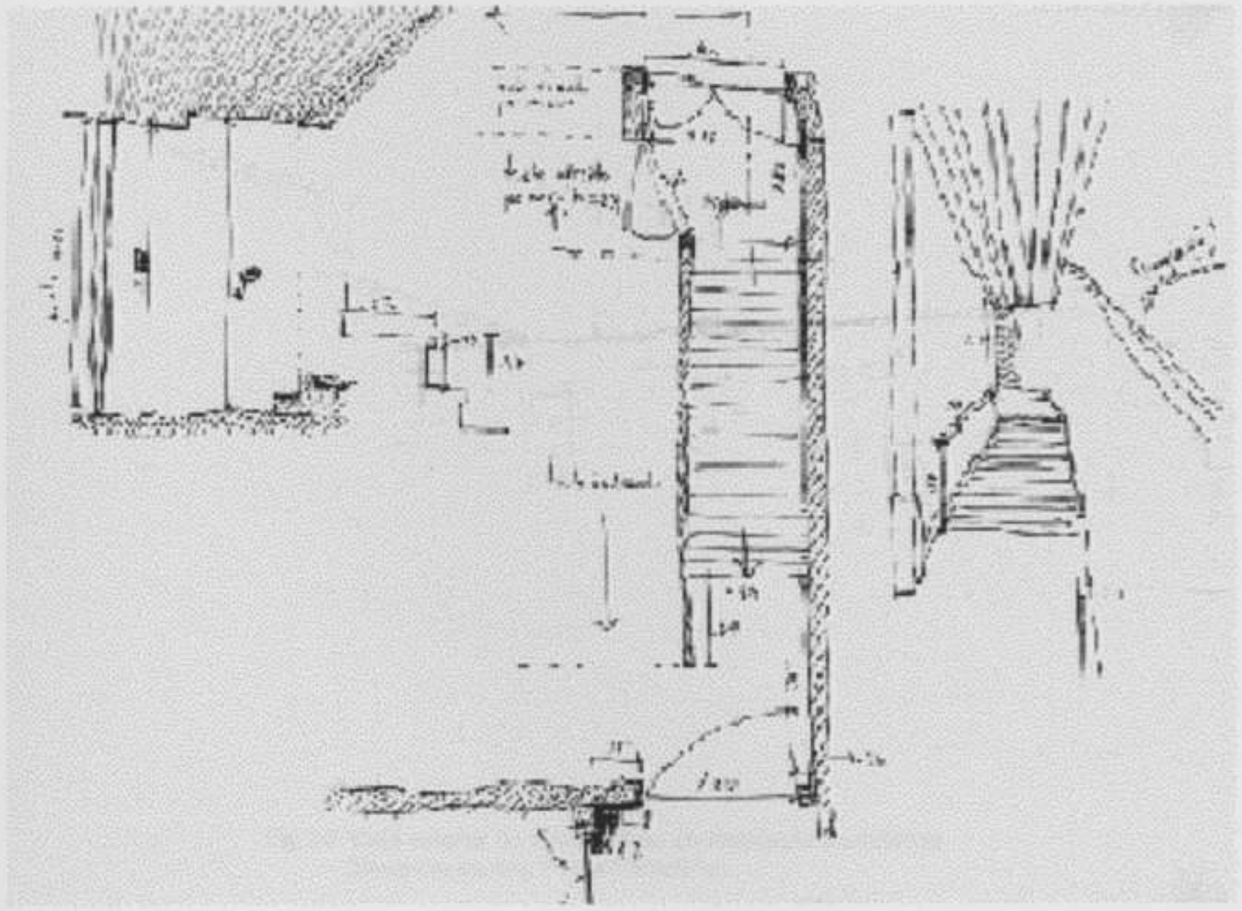
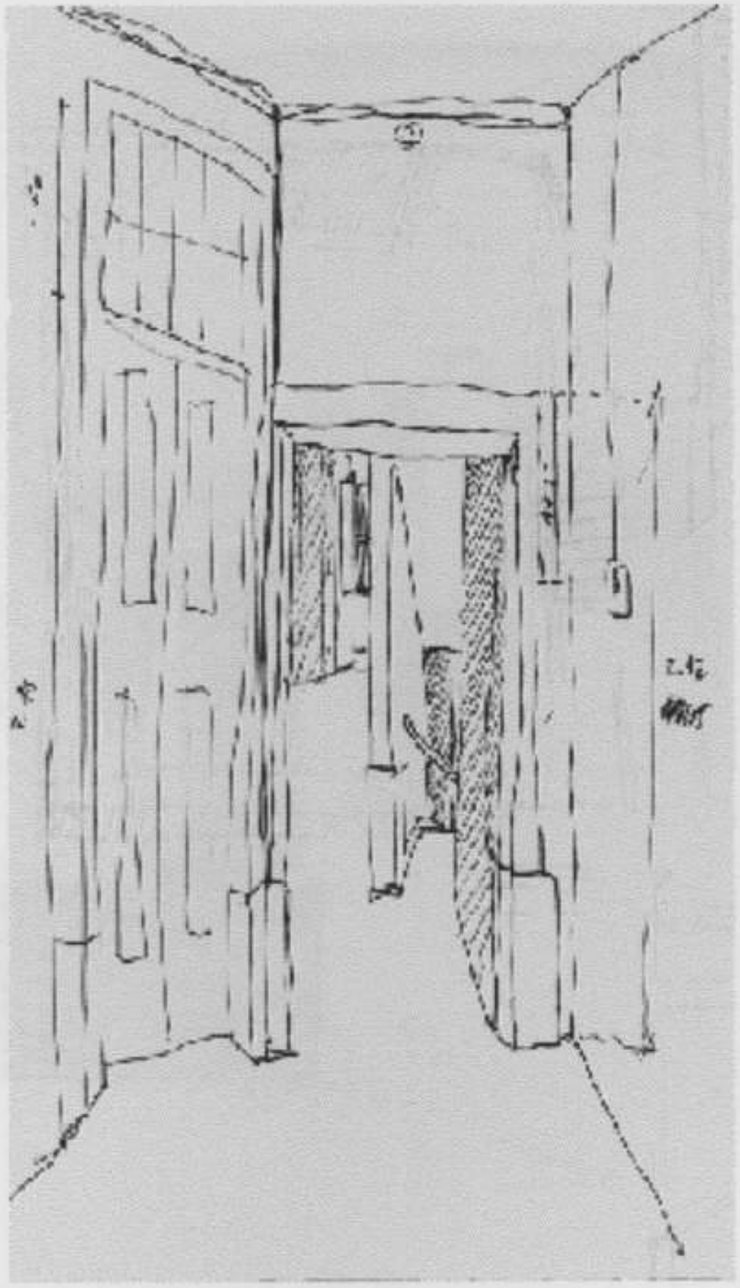


Fig.31- Espaço de apoio à perfumaria

Figs. 32 e 33- Desenhos elaborados durante o levantamento arquitectónico da quinta





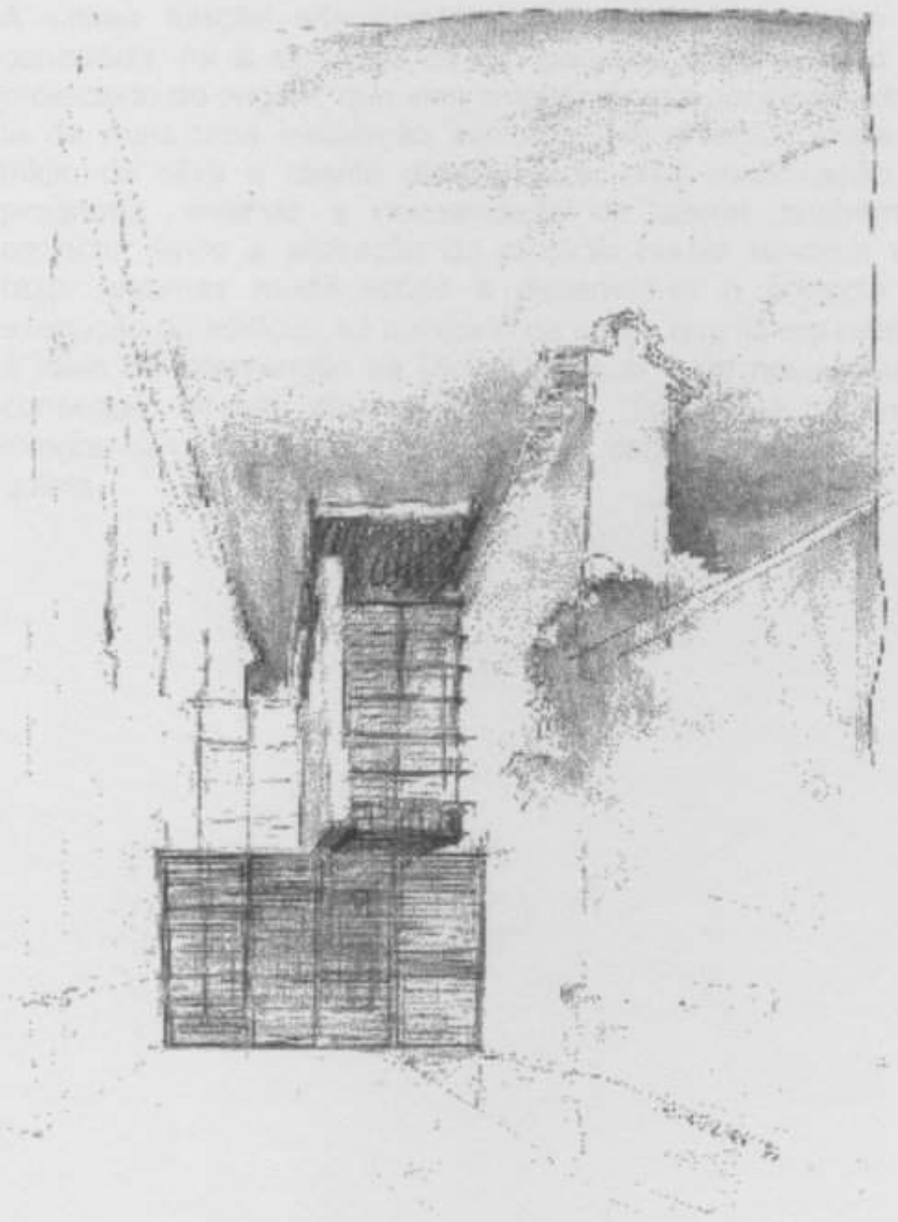
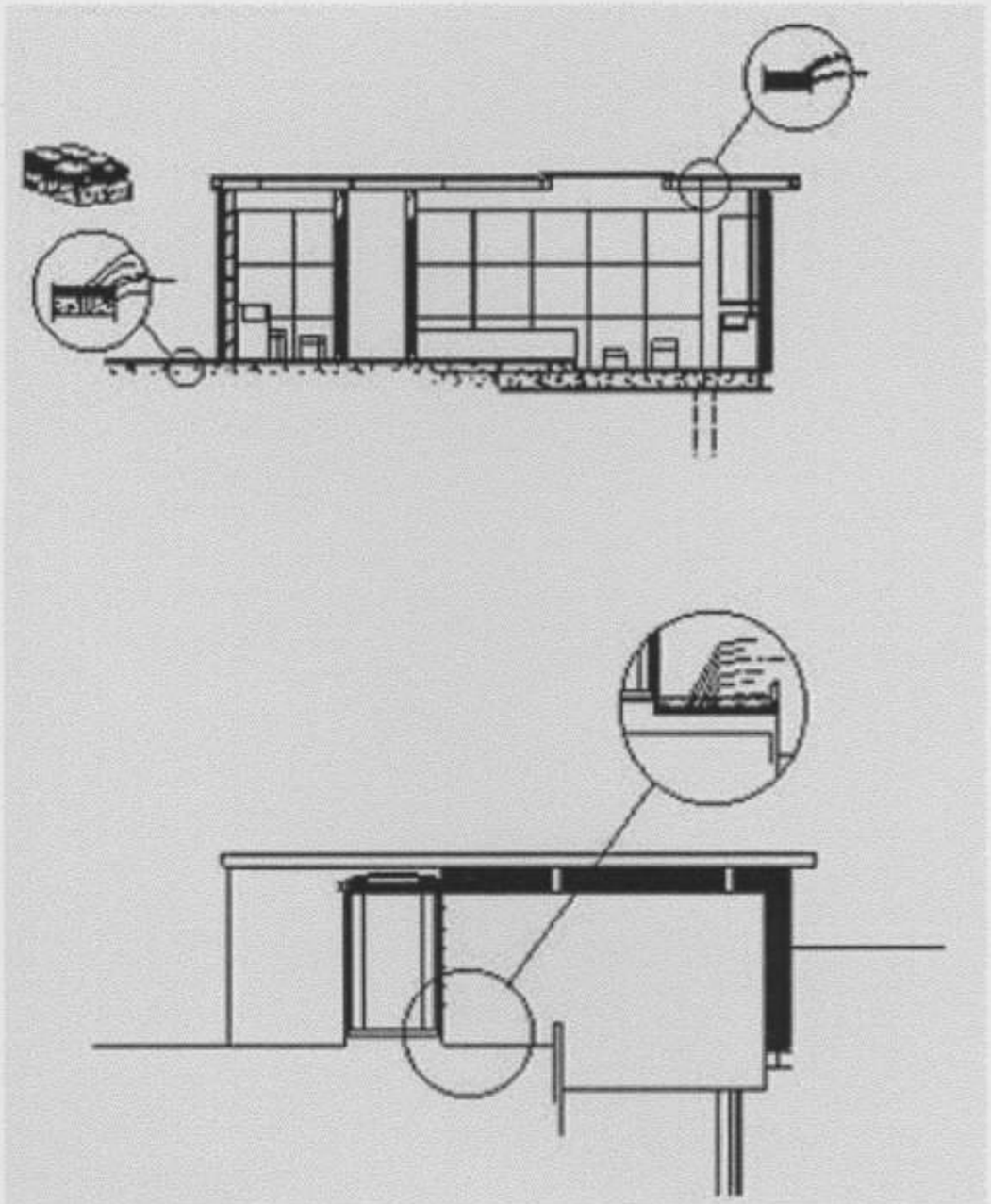


Fig.34- Vista exterior do novo edifício de instalações sanitárias
(Desenho de arq. Pedro Partidário)



A última função relacionada com a quinta, que me foi concedida, foi a alteração de um pequeno volume, todo ele projectado de origem, que viria ampliar a casa principal e dotá-la de mais uma instalação sanitária. No entanto, antes do início da obra a cliente decidiu fazer uma modificação do programa, levando à necessidade de alterar também o projecto. Após a alteração do projecto houve também que fazer algumas modificações e desenvolver o projecto de execução do edifício. Ao contrário da crítica que fiz em relação à ideia de intervenção na fachada lateral, este novo volume consegue, através da sua linguagem claramente moderna, integrar-se com grande harmonia no conjunto edificado da quinta.

Fig.35- Desenhos rigorosos relativos à instalação sanitária

Quinta do Roseiral - relação arquitecto/cliente

Talvez pela duração deste projecto (em curso desde 1996), a relação entre a equipa do atelier e a família proprietária da Quinta do Roseiral tornou-se bastante próxima o que, como se pode entender, não é sinónimo de menos profissionalismo.

Comecei, desde o início, a trabalhar directamente com a cliente, situação que considero bastante positiva para inicio do meu contacto com a profissão. Constatei, então, que o carácter de relacionamento entre o arquitecto e o cliente é muito diferente de caso para caso, resultado directo do tipo de trabalho ou projecto. A relação do arquitecto responsável, com esta cliente particular, era sem dúvida mais próxima do que a relação com o promotor do projecto do Complexo de Piscinas (referido anteriormente), o qual, em todas as reuniões a que assisti, se fez representar por um engenheiro intermediário.

O diálogo com o cliente é, de facto, muito enriquecedor, por um lado porque é uma forma de consciencialização para o estagiário que deixou de estar perante um projecto e um cliente hipotéticos (o que acontecia na Faculdade) e, por outro lado, porque permite que, através do constante debate de ideias com este e em resultado delas, utilizando um processo de experimentações sucessivas, o arquitecto consiga aproximar a vontade do cliente aos seus ideais.

Um aspecto peculiar deste caso foi que o diálogo com a cliente resultou numa mais valia por se estar a intervir num edifício com uma existência anterior e, por isso, não ser um espaço anónimo (com significado físico e emocional). A

cliente, com o seu profundo conhecimento daquele espaço, pode relatar a sua vivência e fazer uma análise crítica do mesmo. Assim, apesar do arquitecto poder sentir a necessidade de recorrer a dados mais concretos sobre aspectos específicos do edificio (consultando a informação existente sobre o tema), poderá com maior objectividade intervir nos aspectos mais frágeis do projecto existente.

Por outro lado, apesar do conhecimento que o cliente possui ligado ligado à funcionalidade ou a aspectos práticos do quotidiano do espaço, a formação do arquitecto é fundamental para se aperceber do valor patrimonial desse mesmo espaço (neste caso apreciação formalizada na candidatura do conjunto edificado a Turismo em Espaço Rural).

Apesar de todos os aspectos positivos que advêm do diálogo com o cliente, vale a pena referir que o cliente é também, muitas vezes, um elemento condicionador. Constantemente se é obrigado a sacrificar princípios que pareciam ser os mais correctos, pelos desejos do cliente, quer estes se prendam com motivos económicos, quer pelo seu discutivel "gosto". Penso que, neste caso, a melhor solução será uma tentativa, por parte do arquitecto, de compatibilização entre os seus princípios, as escolhas do clliente e a economia do projecto, mesmo tendo consciência que, muitas vezes esta solução implique sacrifícios das regras que julgamos como certas.

Quinta do Roseiral - visitas à obra

Foi-me dada, neste estágio, a de contactar com a realidade quotidiana do atelier, a qual pressupõe, entre outras actividades, visitas às obras em curso, permitindo-me inteirar da relação projecto/construção, até então uma interrelação apenas apreendida na sua teoria.

Sendo assim, o fez-se acompanhar por mim em diversas obras cujos projectos tinham sido elaborados antes do início do meu estágio e cujo único contributo que poderia dar seria uma observação critica e, posteriormente, a discussão de questões técnicas e teóricas que se prendiam com a intervenção.

Estas visitas à obra permitiram que adquirisse um conhecimento mais vasto quer no domínio de materiais, quer no domínio de tecnologias de construção o que, estou segura, me será bastante útil numa futura procura de soluções de projecto. Devo referir que algumas visitas a lojas de materiais de construção, na presença do arquitecto coordenador, na companhia da cliente, também permitiram alargar os meus conhecimentos deste tipo de materiais.

Concluí que o acompanhamento da obra se revela fundamental para que haja o cumprimento do que foi projectado. Como já foi referido, mesmo havendo uma descrição detalhada das peças , com um desenvolvimento pormenorizado dos elementos de construção com todos os seus componentes à escala adequada, e uma boa explicação do seu modo de funcionamento, construção e aplicação, estas

peças desenhadas pressupõem que haja da parte do receptor (construtor), facilidade de leitura das mesmas o que, frequentemente, não acontece.

Outra vantagem do acompanhamento regular da obra é o facto de acontecer, com alguma frequência, a opção que no desenho parecia a mais adequada, não resultar no local e haver a possibilidade de serem alteradas.

Por último, surgem habitualmente em obra, uma série de imprevistos que podem pôr em causa decisões projectuais e, se detectadas a tempo, podem ser solucionadas.

Conclusão

Durante estes seis meses de estágio pude ter contacto com os problemas inerentes ao exercício da profissão e realidade quotidiana do atelier, uma vez que contactei com questões que se levantam diariamente na prática profissional, como sejam os aspectos relacionados com legislação, aspectos de ordem deontológica, diálogo com clientes ou outros.

O relacionamento que o ajuste dos planos de estudo da Faculdade de Arquitectura -com a introdução de uma nova fase de formação que é o estágio- proporciona entre a própria Faculdade (em especial os seus alunos) e o meio profissional é, sem dúvida, extremamente benéfico para ambos. A aprendizagem e o ofício devem estar solidariamente unidos para que desta forma haja um enriquecimento mútuo. No entanto, considero que seria mais vantajoso se esta nova etapa do plano de estudos se realizasse numa fase anterior do percurso de formação. Esta minha observação deve-se, por um lado, ao verificar que só depois deste contacto com a vida profissional surgem dúvidas que considero de algum interesse para serem discutidas entre colegas e professores, bem como experiências que, trocadas entre estes seriam concerteza enriquecedoras. O que atrás refiro significa que, depois de um primeiro confronto com a realidade do ofício de arquitecto o aluno se encontra muito mais desperto para uma série de questões que, partilhadas com colegas e professores, seriam uma fonte de riquesa para ambos.

Por outro lado, o facto de o estágio não ser brigatório em todas as instituições onde se lecciona o curso de arquitectura

leva a desajuste na classificação dos alunos das diferentes instituições após o mesmo período de formação (5 anos). A principal desvantagem para os alunos da Faculdade de Arquitectura prende-se com o facto de, apesar de terem o mesmo tempo de escolaridade que os alunos das outras instituições não possuirem o mesmo grau académico (licenciatura) ao mesmo tempo e, uma vez que se institucionalizou que a actividade executada pelo estudante durante o estágio fosse não remunerada, estes setem-se injustiçados na forma como são discriminados no mercado de trabalho.

Apesar do atrás referido, posso afirmar que o estágio foi uma experiência enriquecedora e gratificante. Foi-me bastante importante perceber como se organiza um atelier, como funciona, como se regem os recursos humanos, como se produz trabalho. A possibilidade de participar nos trabalhos em curso, nas reuniões com os profissionais das diversas áreas, nas visitas a obras, formam um contributo valioso para a minha aprendizagem. Foi também muito importante compreender a necessidade do trabalho de equipa, uma vez que até então nunca tinha tido oportunidade de trabalhar em "projecto" em conjunto com outras pessoas.

No início do estágio foi-me solicitada a elaboração de um cronograma no qual era proposto realizar, relativamente ao projecto do Complexo de Piscinas e *Health Club*, um estudo de inverstigação e desenho de pormenorização especial (nave das piscinas) em projectode execução e ainda participar na elaboração da parte escrita do projecto de execução (elaboração do caderno de encargos, especificações técnicas e mapa de medições). Era também proposta a participação na

fase de desenho e organização processual do projecto base para licenciamento, efectuar visitas a obras acompanhada pelo tecnico responsavel -o arquitecto- e a participação em reuniões com entidades diversas (clientes, fornecedores e técnicos de diversas especialidades).

No entanto, tanto o reduzido periodo de duração do estágio relativamente ao tempo de execução das diferentes fases do projecto, como as dificuladdes de calendarização decorrentes de inumeros factores na actividade profissional do arquitecto, levaram a que o trabalho ficasse um pouco aquém do programa definido de inicio.

Assim, em relação ao projecto do Complexo de Piscinas e Health Club tive a possibilidade de fazer o estudo de investigação acima referido, contudo não me foi possivel acompanhar todo o processo do projecto de execução nem cheguei a ter qualquer contactocom a parte escrita especifica desta fase do processo. Não dei também qualquer contributo no projecto do Lar de Idosos mas, como já tive oportunidade de referir, foi-me dada a hipótese de fazer diversas visitas a obras, bem como participar em multiplas reuniões, situações de grande importância para minha aprendizagem.

Após ter terminado o meu periodo de estágio posso afirmar que, como parte integrante dos novos planos de estudo, considero que este é a todos os niveis enriquecedor e constitui uma importante mais valia para a formação dos estudantes da Faculdade de Arquitectura. Vem, sem dúvida, promover o relacionamento da faculdade com o meio profissional, factor tão importante e do interesse de ambas as partes. Verifiquei também que a preparação que a faculdade forneceu foi

suficiente para uma fácil inserção no mundo de trabalho, no entanto sinto existirem algumas deficiências no que diz respeito, essencialmente, ao saber construtivo, resultado da inexistência de um programa disciplinar que inclua a níveis similares as vertentes teórica e prática, num curso que, no seu dia-a-dia sente absoluta necessidade de integração de ambas. É, sem dúvida, uma nova e gratificante experiência, principalmente para quem nunca antes saiu do ambiente académico e tem então o primeiro contacto com a actividade profissional.

Anexos

Incluem-se em anexo os seguintes documentos:

a) Historial do estágio
b) Programa de estágio
c) Cronograma de estágio
d) Parecer do orientador

Historial do Estágio

1- Nome do estagiário	INÊS ROMANA ÂNGELO GOMES MARQUES
2- Licenciatura	ARQUITECTURA
3- Entidade junto à qual fez o estágio; actividades; organização.	CIDADES (IN)VISÍVEIS ARQ.OS LDA ARQ.O PEDRO PARTIDÁRIO & SUSANA FIALHO INÍCIO DO ESTÁGIO : 1 de FEV. 1999
4- Programa,cronograma (quando exigido) SUPERVISOR : ARQ. FERNANDO BABULHO	. DESENVOLVIMENTO DA PRÁTICA DE SISTEMAS DE CAD APLICADOS . COLABORAÇÃO EM PROJECTO DE EXECUÇÃO E VISITA À OBRA . PROJECTO - BASE . ELABORAÇÃO DE PROCESSO DE LICENCIAMENTO . A CONCEPÇÃO ARQUITECTÓNICA
5- Resumo do relatório Intercalar. Parecer do Supervisor.	
6- Resumo do Relatório Final	O relatório de estágio baseia-se na descrição de dois projectos desenvolvidos durante este período: - Complexo de Piscinas e Health Club (Urb. Fitares - Rinchoa) - Quinta do Roseiral (Alvaiázere) Uma pequena introdução aborda alguns aspectos gerais relacionados com o atelier e a conclusão pretende fazer uma análise qualitativa relativa à introdução do estágio no plano de estudos da F.A.
7- Parecer do Orientador	
8- Parecer do Supervisor	
9- Parecer do Júri (quando exigido)	
10- Síntese do Historial e parecer Final	

PROGRAMA DE ESTÁGIO

Nome do Estagiário: Inês Romana Ângelo Gomes Marques
Nome do Orientador: Pedro Partidário
Nome do Supervisor: Fernando Bagulho
Local de Estágio: Cidades (In)visíveis, Arquitectos Lda.

Cidades (in)visíveis, Arqtos. Lda. é uma instituição privada cuja principal actividade é a arquitectura e junto à qual me encontro a fazer o meu estágio curricular, última fase do plano de estudos do curso de Arquitectura administrado pela Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa. O estágio será orientado pelo arquitecto Pedro Partidário, que me acompanhará no desenvolvimento do trabalho desenvolvido no atelier acima referido, durante o decorrer do mesmo.

O estágio dividir-se-á em quatro fases, baseando-se a primeira no desenvolvimento da prática desistemas de CAD aplicados, uma vez o atelier trabalhar com um produto (ArchiCAD) que até então me era desconhecido.

A segunda fase será a colaboração no Projecto de Execução do Complexo e Piscinas e Health Club da Rinchoa - Sintra e, simultaneamente, apoio à definição do Estudo Prévio de um lar de idosos.

Seguir-se-á um novo item: A composição no Projecto de Arquitectura, e que irá dividir-se em Estudo Prévio, relação com o cliente - com a preocupação de me colocar perante os problemas do quotidiano do exercício da profissão - e linguagem do atelier, em que será feita uma abordagem ao percurso do atelier de forma a compreender a sua atitude perante o trabalho - a Arquitectura.

A quarta e última fase será o Projecto de Execução de Edifícios de Habitação, complementado por visitas à obra.

Tendo em conta o programa acima apresentado, penso que no final deste estágio curricular estarei apta a fazer uma avaliação da adequação da licenciatura do curso de Arquitectura da FA à actividade profissional do arquitecto.

CRONOGRAMA DE ESTÁGIO

FASES	SEMANAS																							
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25
Prática de sistemas de CAD - ArchiCAD	1ªfase												2ªfase												
Complexo de Turismo em Espaço Rural							levant arquitec/ progr base											proj base e licenciamento						
Complexo de Piscinas e *Health Club*		program/prepar proj execução							projecto execução:mapa vãos, acabam., medições															
Lar de Idosos																						proj. execução			

Uma vez que o Programa de Estágio apresentado data do ínicio do mesmo, pode notar-se algumas pequenas diferenças entre o que foi proposto aquando do ínicio do estágio e o seguimento dos trabalhos neste atelier, com consequência no desenrolar do estágio. É importante referir que estas discrepâncias são resultado da "vida" do atelier como entidade de resposta aos diversos trabalhos em vigor e que, como se pode verificar através do cronograma, se desenvolvem em simultaniedade.

cidades invisíveis

CIDADES INVISÍVEIS, arquitectos.Lda.
r. do mirante nº 36A
tel 351-1-812 07 91
fax 351-1-814 16 38
e-mail:
mirante@esoterica.pt

Contribuinte nº
504654683
Sociedade por cotas

Capital social:500.000$00

projectos de arquitectura.urbanismo.paisagismo.design.decoração

PARECER FINAL
sobre estágio curricular e relatório

Tendo concluido o seu estágio onde se procurou o convívio abrangente com os diversos aspectos concretos (de projecto e obra, éticos, logistíco-administrativos) da prática profissional, a estudante Inês Romana Ângelo Gomes Marques, apresentou-nos o respectivo relatório final sobre o qual nos compete referir que:

a) Descreve e analisa com rigor assinalável o decurso das tarefas e estudos que lhe foram solicitadas;

b) Identifica com clareza inequívoca as questões específicas da prática profissional "real" com as quais foi durante este período confrontada e que participam e condicionam essa mesma prática a par dos aspectos e actividades de carácter projectual;

c) Mantém e confronta pontos de vista, eventualmente escolares que, contudo, deverão ser fomentados equilibradamente por forma a constituirem corpo de estrutura ética sempre necessária por conter dinâmicas de "transformação" da realidade apartir de "utopias".

Assim, e pela forma como procurou durante o seu estágio, empenhada,correcta e dignamente, participar com objectividade no exercício da prática dos projectos e suas fases (organização de elementos, discussões teóricas e críticas, proposta de soluções a colegas e clientes e desenho-elaboração de processos), consideramos que a Exmª Srª Inês Romana Ângelo Gomes Marques demonstrou estar preparada para exercer profissionalmente as actividades da Arquitectura.

O orientador de estágio
Pedro Partidário (arqº)

Historial do Estágio

1- Nome do estagiário	INÊS ROMANA ÂNGELO GOMES MARQUES
2- Licenciatura	ARQUITECTURA
3- Entidade junto à qual fez o estágio; actividades; organização.	CIDADES (IN)VISÍVEIS ARQ.os LDA ARQ.os PEDRO PARTIDÁRIO & SUSANA FIALHO INÍCIO DO ESTÁGIO : 1 de FEV. 1999
4- Programa,cronograma (quando exigido) SUPERVISOR: ARQ. FERNANDO BAGULHO	. DESENVOLVIMENTO DA PRÁTICA DE SISTEMAS DE CAD APLICADOS . COLABORAÇÃO EM PROJECTO DE EXECUÇÃO E VISITA À OBRA . PROJECTO - BASE . ELABORAÇÃO DE PROCESSO DE LICENCIAMENTO . A CONCEPÇÃO ARQUITECTÓNICA
5- Resumo do relatório Intercalar. Parecer do Supervisor.	
6- Resumo do Relatório Final	O relatório de estágio baseia-se na descrição de dois projectos desenvolvidos durante este período: - Complexo de Piscinas e Heath Club (Urb. Fitares - Rinchoa) - Quinta do Roseiral (Alvaiázere) Uma pequena introdução aborda alguns aspectos gerais relacionados com o atelier e a conclusão pretende fazer uma análise qualitativa relativa à introdução do estágio no plano de estudos da F.A.
7- Parecer do Orientador	Em anexo
8- Parecer do Supervisor	PROPONHO QUE O ESTÁGIO SEJA ACEITE COM MÉRITO, CONFORME PARECER QUE ANEXO LISBOA 26 de NOVEMBRO de 1999
9- Parecer do Júri (quando exigido)	
10- Síntese do Historial e parecer Final	O Estagiário cumpriu todos os requisitos do Regulamento de Estágio pelo que se considera concluído o processo de Estágio A. Luís.

Nome do estagiário: **Inês Romana Angelo Gomes Marques**
Licenciatura: Arquitectura
Período de estágio : 01 de Fevereiro a 31 de Julho de 1999
Entidade hospedeira: Cidades In Visíveis Arquitectos Ldª
Arquitecto Orientador **Pedro Partidário**
Arquitecto

AVALIAÇÃO DE ESTÁGIO

O Estágio Curricular de cariz profissionalizante encerra o Plano de Estudos da Licenciatura em Arquitectura da F.A.U.T.L., tem duração de seis meses e está actualmente enquadrado pelo Regulamento de Estágios aprovado pelo Conselho Pedagógico em 20 de Outubro de 1998.

No decurso do Estágio, a relação entre Estagiário e Orientador não exigiu a intervenção do Supervisor, sendo informado pela Estagiária do modo como decorriam os trabalhos que consubstanciavam a sua prática pré-profissional da estrutura prática do estágio, da forma como decorria a integração na equipa de projecto e da especificidade dessa relação decorrente da condição de trabalho a tempo parcial do orientador, condicionando grandemente o tempo de presença no atelier e disponibilidade no acompanhamento dos projectos e da estagiária (que constitui uma carga negativa muito presente no exercício do ofício de arquitecto, pela precaridade do trabalho, pelo caos da encomenda, pela desorganização generalizada do trabalho, etc., ...).

Pela competência definida no nº 1 do Artigo 8º do Regulamento de Estágios, reunidos os elementos a que refere o nº 2 do mesmo Artigo 8º, tomando por base o Parecer do Orientador afirmando que a estagiária demonstrou estar preparada para o exercício da Arquitectura, entendo que o Estágio da aluna **Inês Romana Ângelo Gomes Marques** satisfaz os objectivos expressos no Artigo 2º do Regulamento, destacando-se a sua capacidade de observar e desejo de entendimento do acto de projectar, na sua relação com o pensar a a vida e a arquitectura, pelo que entendo que o Estágio deve ser "Aceite com Mérito", usando a forma a que refere a alínea a) do nº 3 do Artigo 8º do regulamento em vigor.

Lisboa, 12 de Novembro de 1999

Fernando Bagulho
assistente convidado